

Mario de Andrade

Modinhas Imperiais

CASA CHIARATO

L. G. MIRANDA

EDITORA

Rua Santa Efigenia N.º 28-A
S. PAULO (BRASIL)

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MODINHAS IMPERIAIS



Ramilhete de 15 preciosas modinhas de salão brasileiras, do tempo do Imperio, para canto e piano, seguidas por um delicado Lundú para pianoforte; cuidadosamente escolhidas, prefaciadas, anotadas, e dedicadas ao seu ilustre e genial amigo, o maestro Heitor Villa Lobos, por Mario de Andrade.



São Paulo
1930

DO AUTOR:

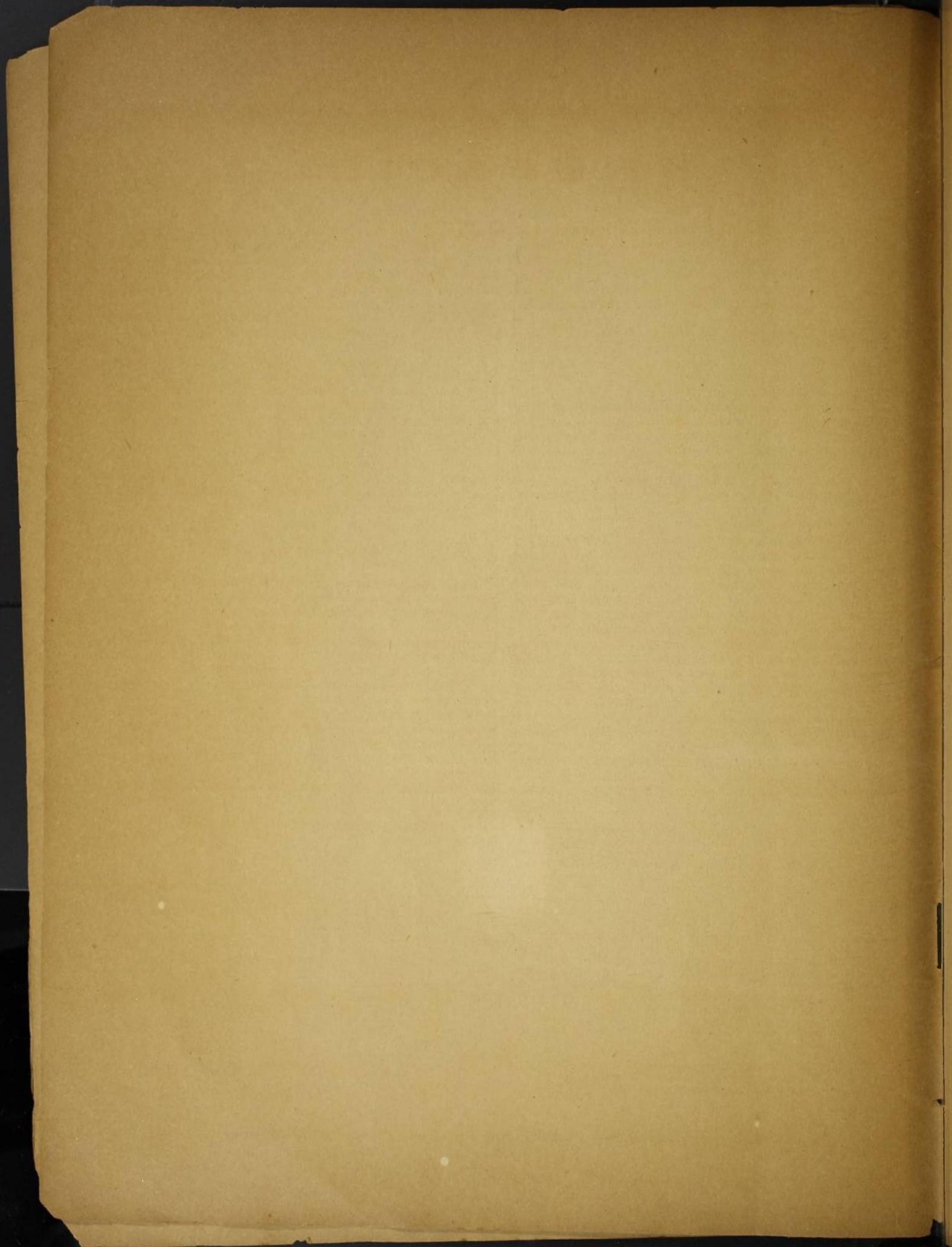
- HA UMA GOTA DE SANGUE EM CADA POEMA - 1917 - (poesia)
PAULICEA DESVAIRADA - 1922 - (poesia)
A ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA - 1925 - (poética)
LOSANGO CÂQUI - 1926 - (lirismo)
PRIMEIRO ANDAR - 1926 - (contos)
AMAR, VERBO INTRANZITIVO - 1927 - (idílio)
CLAN DO JABOTI - 1927 - (poesia)
MACUNAÍMA - 198 - (história)
ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA - 1928 - (estética e folclore)
COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA - 1929 -
MODINHAS IMPERIAIS - 1930 - (antologia)

EM PREPARO:

- REMATE DE MALES - (poesia)
NA PANCADA DO GANZÁ - (folclore)
BELAZARTE - (contos)
CAFÉ - (romance)
A MÚSICA DOS BRASIS - (música ameríndia)
JOÃO BOBO - (romance)
DICCIONARIO MUSICAL BRASILEIRO

I N D I C E

Prefacio	—————	Pag. 5
Notas	—————	» 12
Bibliografia musical consultada	—————	» 16
Bibliografia citada	—————	» 17
I - Acaso são éstes...	————— XXX —————	» 19
II - Escuta, formosa Marcia...	————— XXX —————	» 21
III - Busco a campina serena...	————— Candido Ignacio da Silva ———	» 22
IV - Quando as glórias que gosei...	————— Candido Ignacio da Silva ———	» 24
V - Vem cá, minha companheira...	————— XXX —————	» 26
VI - Si te adoro...	————— XXX —————	» 27
VII - Vem a meus braços...	————— XXX —————	» 29
VIII - Roseas flores d'alvorada...	————— XXX —————	» 31
IX - O Coração Perdido	————— F. L. G. de Varnhagen ———	» 33
X - Deixa, dália, flor mimosa...	————— XXX —————	» 34
XI - Eu tenho no peito...	————— Padre Telles —————	» 36
XII - Dei um ai, dei um suspiro...	————— J. M. de Souza Barros ———	» 38
XIII - Ultimo Adeus de Amor	————— Emilio E. C. do Lago ———	» 40
XIV - Que noites eu passo...	————— A. J. S. Monteiro —————	» 43
XV - Hei-de amar-te até morrer!	————— XXX —————	» 45
XVI - Lundum para piano	————— XXX —————	» 47



P R E F A C I O

As Modinhas de salão tiveram desde a segunda metade do sec. XVIII, aceitação tamanha que dominaram a musicalidade burguesa de Brasil e Portugal. Em nossa terra o vagalhão foi imenso, inundando tudo, compositores, festas e impressores, só vindo o maremoto morrer aos nossos pés republicanos com os últimos dias do Segundo Império.

O que foi essa pandemia como valor musical? O maior mistifório de elementos desconexos. Influências de toda casta, vagos apêlos raciais, algumas coisas boas, um poder de rúins e péssimas, plágios, adaptações, invenções adoráveis, apenas conjugados num ideal comum: a doçura.

Mas a moda se acabou, morta de saciedade, em pleno mel. Era justo que passasse de moda, porém teve significação importante na complexidade musical brasileira e produziu obras gentis. Pelo papel que representou faz parte imprescindível dos nossos estudos etnográficos. Pelo que criou de bom, de gracioso e mesmo de lindo não é justo que permaneça no ostracismo da nossa ignorância atual.

Onde nasceu a Modinha?

Os portugueses, com rara exceção, dizem-na portuguesa. E os brasileiros querem-na brasileira. A documentação existente parece não provar nada e as opiniões se formam apenas por dedução e . . . patriotismo. Não posso entrar nêsse miudinho por enquanto. Me baste apenas lembrar que tanto portugueses despreocupados de fazer História, como os viajantes estrangeiros que nos fins do sec. XVIII e primeiro semi-século seguinte visitaram Portugal, testemunham constantemente a superioridade da Modinha brasileira e o domínio que ela manteve alem-mar. E do contrário nenhum testemunho existe (1). Em Portugal os textos especificavam bem as "modinhas brasileiras", como nos versos de Tolentino, por exemplo; e dos viajantes, pra não traduzir aqui o já tão citado passo de Beckford, lembro a opinião de Balbi: "Essas Modinhas, principalmente as chamadas *brasileiras*, são cheias de melodia e sentimento, e, quando bem cantadas, penetram na alma de quem lhes compreende o sentido" (II; p. CCXIII). Outra opinião

pouco impressa é a de Link, na "Viagem a Portugal" (1797 - 1799). Descrevendo um sarau, diz assim: "A conversa logo se tornou geral e terminou em cantigas das senhoras. Cantaram principalmente essas árias portuguesas lânguidas e queixosas que só contam males de amor e repetidamente se dirigem á "linda pastora". Os Brasileiros (sic), ou os cantos brasileiros nos encantaram pela variedade maior e pela jovialidade tão franca e ingênua como a nação donde provêm".

Mas si de fato o folclore literario - musical brasileiro oferece maior variedade que o português, é possível que Link designasse, com os seus "brasileiros", lundús também. Porquê a Modinha nossa, da mesma forma que a portuguesa, é um quasi ininterrupto suspiro de amor. Queixume inofensivo, está claro, só com raríssima exceção denunciando alguma dor pelo menos mais musicalmente verdadeira. Rojão de lágrimas, de ais, lamentos e saudades, com a unica função de divertir a gente. E' mesmo o que diz um texto, já popular, que se cantava com a música da celeberrima "Chiquinha si eu te pedisse. . ." (2)

"O pinho não se consome,
O que é um dia de fome?
Uma modinha num ai,
Distrai."

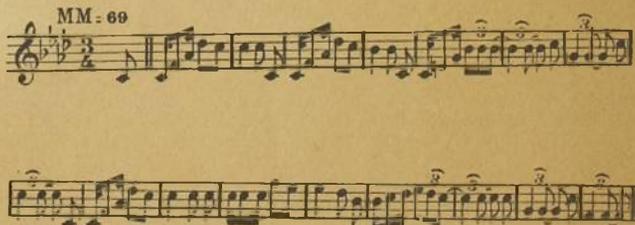
As Modinhas distraiam com seus ais. Eu me atreveria mesmo a aconselhar que se cantasse com rosto sorridente êsses textos de mal de amor e saudades. Não é possível tomar a sério toda essa choradeira sistematizada, e em nenhuma execução musical vai melhor do que nestas Modinhas aquele sorriso aos ouvintes que o velho "mestre de solfa" aconselhava aos cravistas do tempo dele.

Textos de amor melado, êles nos parecem bem inocentes agora. Mas nem sempre foram tidos assim. E mesmo o pudibundo português Ribeiro dos Santos, (cit. de José Maciel Ribeiro Fortes), investindo com essa praga generalizada em Portugal "depois que o Caldas começou a por em uso os seus rimances (. . .), a tafularia do amor, a meiguice do Brasil e em geral a moleza americana," diz das Modinhas que eram "cantigas de amor tão descom-

(1) Também Modinhas portuguesas impressas andaram em nosso mercado musical. São raras de achar mas tive em mãos um album lisboeta da Casa Sasseti e C. adquirido aqui. Também o periódico imperial "O Brasil Musical" estampou a Modinha "Quero cantar á salôia", que bem mais parece uma toada coreográfica portuguesa em 6/8 que propriamente Modinha. Aliás a capa salva tudo com a indicação genérica "Romances". . . Essa obra é dum tal A. Frondoni, que não sei quem é. Joaquim de Vasconcelos não o insere em "Os Musicos Portugueses", onde liberalmente não esqueceu o nosso padre José Mauricio Nunes Garcia, que era mulato, filho de negra mineira filha de mãe Guiné e dum brasileiro da ilha do Governador. De certo o musicólogo se referia ao mestre - de - capela de Dão João VI, maltratado por Marcos Portugal, e não ao mesmo padre já súbdito de Pedro I.º e protetor de Marcos Portugal. . . De A. Frondoni sei apenas que viveu em Portugal e em português publicou suas Modinhas. Por sinal que uma delas se chamava "Luís de Camões" - o que me faz lembrar outro romance com ares de cantata dramática, "O Genio de Camões" (A Lira do Trovador) em que o génio soluça bem:

"Dei a glória, a glória a Portugal
E a pátria a pátria tão amada tão amada
Deu-me em prémio um hospital!"

(2) A música da "Chiquinha inda não foi registrada e talvez o mereça:



O texto anda profusamente repetido nas coletâneas populares de Modinhas.

postas que corei de pejo como si me achasse de repente em bordéis, ou com mulheres de má fazenda". Ha excesso de bilis nisso. Houve Modinhas imorais porquê ha homens imorais. Mas essas eram raras, especialidade mesmo de alguns, como o poeta Lagartixa, cujos versos musicava no geral o amigo dele João Cunha. Porém Melo Morais Filho nos "Cantares Brasileiros" tem a paciencia de advertir que eram "lundús especiais só ouvidos por homens, a um canto das mesas de jantar". O comum não era assim. (3)

O comum é o que dizem os textos dêste Ramilhete. Versos a maioria das vezes anónimos, e, si de autores com nome impresso, tão polpudos de mediocridade que mais os valorisaria o mistério do anonimato. Mas ás vezes os poetas bons também eram musicados. Sem insistir sobre o caso famoso do mulato Caldas Barbosa cuja modinhação contumaz se tornou de citação obrigada pelo muito que fez babar de gôso os reinois, pode-se dizer que desde os mestres da Escola Mineira (4) até fins do Romantismo, todos os nossos poetas ilustres foram melodisados em Modinhas. Dos grandes nomes românticos os mais aproveitados foram Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e Casemiro de Abreu. Modinheiros havia que se especialisavam num dêstes. Assim o espanhol José Amat, o primeiro empresario da nossa Academia de Opera Nacional (1857), que aí cantou e pelo Brasil jorrou moleza pouco espanhola. Foi musicador sistemático de Gonçalves Dias. Casemiro de Abreu, com mais fortuna, teve as preferências de Francisca Gonzaga.

Tambem o compositor J. J. dos Santos, de que possuo várias Modinhas em manuscritos imperiais, autor daquela gostosa "Nas horas mortas da noite. . ." (5), insistiu com exagêro no poeta dos "Meus Oito Anos".

Textos seguindo pacientemente o gôsto das épocas, ora arcadianos, pastoreando Lílias, Marílias e Márcias, ora românticos, suspirando por fadas, belas, ingratas, anjos e até "modernos cupidinhos" e mil outras delicadezas. E' a

(3) Martius que foi, com Burton, um dos espiritos de curiosidade mais universal dentre os que observaram o Brasil, deixou uma boa impressão das Modinhas que vale a pena transcrever agora. "As cantigas são de origem portugêsa ou brasileira.

As brasileiras se distinguem pela naturalidade do texto e da melodia. Conservam inteiramente o sabor popular (sic) e traem de vez em quando o pathos verdadeiramente lirico de poetas as mais das vezes anónimos. Amor não correspondido, tormentos de ciume, dores da separação, eis os assuntos da sua musa; e, rica de fantasia, uma interpenetração com a natureza, que dá pra êsses transbordamentos um fundo característico e silencioso.

E' isso o europeu sentirá com tanto mais graça e verdade que já está idílicamente comovido ante a riqueza e o gôso pacifico da natureza ambiente" (vl. I p. 226).

(4) E' curioso que as Modinhas de salão, sobre versos da "Marília de Dirceu", reproduzidas por Cesar das Neves no "Cancioneiro", inda sejam chamadas de "árias" como nos tempos de Antonio José da Silva. Pelo menos é o que se infere da nota apenas á primeira (fasc. XIX, 288). Ou a expressão provém do recolhedor, afobado em classifica-las, como em tantas outras coisas foi afobado nessa útil publicação? . . . E também se podia perguntar si não é possível essas 12 obrinhas pertencerem a algum compositor brasileiro do tempo. . . A litografia não indica nome de autor, coisa muito comum nas Modinhas impressas. Os comentadores do Cancioneiro, vivendo nas últimas décadas do sec. XIX, sem indicar fonte, afirmam que essas músicas foram muito cantadas nos salões e se tinham popularizado "em Portugal e no Brasil". Noutro lugar (fasc. L, 299), talvez preocupado com a boniteza pura de linha delas (algumas são

constância burguêsa de chorar ou sorrir pra agradar os outros. Raro o texto que se liberta disso por uma sinceridade mais íntima ou veemente que a. . . de salão.

Quanto á música importa desde logo salientar um problema curioso e ainda não tratado. E que aliás implica diretamente as origens da Modinha. Os documentos musicais e textos mais antigos se referindo a ela, já designam peças de salão, e todos concordam em dar á Modinha uma origem erudita, ou pelo menos da semi-cultura burguêsa. Melo Morais Filho a fixa como "descendente em linha reta da melodia italiana ("Serenatas e Saraus" vl. III, p. XI), a sra. Wodehouse também, e Friedenthal reconhece em algumas delas parecença extrema com Mozart. Nas da coleção ajuntada por Spix e Martius á sua monumental "Reise in Brasilien", por vezes se julgaria perceber reminiscências de Gluck. E Gluck devia de ser mesmo vagamente conhecido no Brasil, embora não o nomeiem os cronistas, nem, que eu saiba, a enumeração das óperas representadas no Rio de Janeiro joanino.

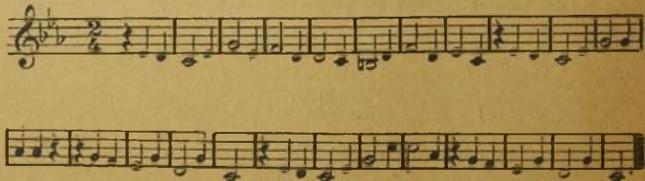
Mas o fato é que o padre José Mauricio Nunes Garcia por várias vezes nas suas obras religiosas, também apresenta leves ressaibos gluquianos.

A coincidência da Modinha de salão com os autores europeus melodramáticos do fim do sec. XVIII e início do seguinte, era mesmo excessivamente íntima. Nada mais natural porquê houve nesses tempos uma dulcificação, um modinismo universal, de que Mendelssohn foi o climax talentoso. Mesmo em terras longes a gente ás vezes dá de encontro com peças dêsse tempo que se diria Modinhas legítimas (6). A coincidência foi mesmo tão íntima que permitiu a transformação em Modinha duma infinidade de árias italianas. Uma das edições mais encantadoras da imprensa musical brasileira são "As Delicias da Traviata", estampadas em agua-forte e cuja edição deve datar de 1859, ano em que viveu no Rio a De la Grange, a quem a obra é dedicada. Se trata de "magnifica collecção de poe-

positivamente admiráveis) Cesar das Neves perfilha a idea de Teófilo Braga, da coletânea ser da autoria de Marcos Portugal. Não parece impossível. Mas nesse caso seria melhor lembrar um Marcos Portugal depois de 1811, já vivendo no Brasil. Porquê por momentos se dá bastante coincidência dessas linhas com arabescos melódicos brasileiros, e mesmo uma delas antecipa impressionantemente no 6/8 bem lusitano, alguns compassos de valsa nossa.

(5) Um tempo imaginei anónima esta Modinha e assim dei dela uma variante popular paulista no "Ensaio sobre Música Brasileira".

(6) V. "La Golondrina" em Ruben M. Campos. Numa coleção de peças russas da casa Zimmermann, de Leipzig ("Beliebte Russische Romanzen, Zigeunerlieder und Volkslieder") vem uma cantiga de ciganos russos "Durch die Nacht vom Lagerfeuer", sentimental, que é integralmente modinha popular brasileira, do Segundo Imperio. Toda a nossa banalidade já está aí — o que parece justificar a preocupação que Melo Morais Filho teve com os ciganos. . .



sias brasileiras de diversos autores (não indicados na edição), graciosamente adaptadas aos mais applaudidos motivos (sic) da Traviata de Verdi. Precedida de uma encantadora poesia (de A. F. de Castilho, designa a edição) para ser recitada ao piano, sob (!) um motivo da mesma obra. Arranjadas pelo professor Raphael Coelho Machado, autor das paródias Norma, Pirata, Graça de Deus e Trovador". Aliás este ilhéu da Madeira tem milhores credenciais a apresentar que esse parodismo fácil, pois é autor do primeiro "Dicionário Musical" em vernáculo que existe. Mas o engraçado é chamarem a esse gênero cambaio de adaptações, de "paródias". "Sob" melodias do "Trovador", sei que se fez as mesmas paródias, sem que se indique o nome do parodista, numa coleção intitulada "O Trovador Brasileiro", "poesias nacionais e acomodadas aos mais bellos motivos (deve ser mesmo a do. . . dicionarista) da immortal opera do maestro Verdi. Collecção de Modinhas e Romances". Melo Moraes Filho ("Cantares Brasileiros") indica essas adaptações como usadas com Bellini e Rossini, e em Portugal se fazia o mesmo até com Auber, como prova um catálogo de capa da Casa Sasseti (7).

E tinha os plágios também. E' esse o caso duma "Jovem Lilia abandonada", cuja edição de que tenho notícia é posterior a janeiro de 1869, data em que fundou-se o Imperial Estabelecimento de Narciso e Arthur Napoleão, pois a peça está, sob o n.º 14, numa série editada por essa casa.

Não consegui obter essa composição, editada como "modinha", mas possuo dela uma cópia inacabada em manuscrito imperial, onde se a qualifica de "arietta". O que ela é mas é um bem descarado plágio de Rossini.

Por tudo isso a gente percebe o quanto a nossa Modinha de salão se ageitava á melódica europea e se nacionalisava nela e apesar dela. Só mesmo um sonho de mocidade excessiva permitiria a Oliveira Lima afirmar que os ameríndios imprimiram á Modinha "boa parte do lascivo encanto e sedução irresistível que encerram essas árias". Embora êle tome o cuidado de especificar que isso veio por cruzamento de raças "muito mais do que por influência dirêta" não ha por onde se aceite essa opinião. A Modinha se originou só do formulário melódico europeu. A sensualidade mole, a doçura, a banalidade que lhe é própria (e que também coincidia com um estado de espírito e de arte universal no tempo, como já indiquei.) só lhe poude provir da geografia, do clima, da alimentação. E prova

disso é que a ela se adaptavam muito bem os estrangeiros parando aqui (8).

Porquê é incontestável: apesar de tanta influência europea, a nossa Modinha tem um cunho muito particular que nos pertence. As Modinhas portuguesas mais antigas que conheço, tais como a do Vidigal (tão popularmente portuguesa já, profetizando o Fado nos compassos iniciais), publicada nos "Sketches of Portuguese Life", as duas dadas por Kinsey, a reproduzida da edição Milcent pela sra. Wodehouse, a "Porquê me dizes chorando" de novo harmonisada por Granville Bantock, já se afastam claramente das nossas. Mesmo neste Ramilhete vem uma prova decisiva pra quem cotejar a "Deixa dália, flor mimosa. . ." nossa com a portuguesa reproduzida em nota á mesma peça. Dentro dos mesmos enfeites, dentro dos mesmos gorgeios e tercinas amaneiradas, no geral as portuguesas apresentam uma linha incisiva que a nós parece-nos dura, violentando a suave lingua pronunciada. Assim: mesmo de dentro das nossas Modinhas mais antigas e europeas, em que mais a gente reconheça alguns acentos de Gluck, vário sabor de alemães, especialmente de austriacos (Mozart), e em principal arabescos e assúcares do Cantabile melodramático italiano, vem um delicado, subtil, misterioso hálito brasileiro. A vetustez não é suficiente pra naturalisa-las. Tanto mais que totalmente ignoradas por nós, o que elas são mas é totalmente novas e inesperadas, e portanto o costume não pode entrar na sensação de coisa nacional que elas dão. O que parece é que os nossos modinheiros coloniais e imperiais, ao em vez de se desnacionalisarem na erudição e na imitação, iam buscar na melódica europea os elementos em que ela comprazia com a sensibilidade nacional nascente. Se percebe que são obras de gente do Brasil, muito embora tal sensação chegue vaga, sem a fatalidade com que se falará dum Maxixe de Sinhô, dum martelo potiguar: "é brasileiro". Porém essa vagueza não prejudica a racialidade das Modinhas imperiais porque si afirmamos, com exagêro de leviandade, os caracteres nacionais das escolas europeas, tenho absoluta consciência que de muita obra de grandes e menores músicos, si não lhes soubessemos a autoria, a simples audição e mesmo estudo, não permitiria determinar com segurança a nacionalidade.

E por isso é tanto mais lamentavel a gente perceber o grau de desnacionalisação em que caíram os composito-

(7) Um caso bem cómico é o da Modinha "Brasil, oh minha patria. . ." publicada no ano V do "Ramilhete das Damas", e cujo texto foi antipatrioticamente arranjado sobre música de Panseron. Inda tem de curioso o assunto em que já aparece o futuro brasileiro dos cabarés parisienses, cantando:

"Adeus Paris, sem pezar
Te abandono, longe irei,
A teus braços não voltarei.
Como formosa, sem par,
A ver torno a cara sposa
Que tão triste deixei!"

E', como se vê, um primor de desleixo métrico e bom comportamento conjugal. Nesta Modinha o exagêro das adaptações transparece. A melodia não soa absolutamente modinheira, como soar á no entanto, de enganar, noutras paródias. Aliás me lembro de, como cúmulo de adaptação, ter visto num catálogo de Modinhas esta indicação pasmosa: "La Marseillaise, romance francés"!

Tambem Modinhas ha, cuja adaptação de textos brasileiros a

melodias europeas não vem indicada. E' o que supponho, por exemplo, de "A Corda Sensível" que vem numa "coleção de Modinhas", "As Brasileiras", sob. o n.º 33. Em primeiro lugar penso que o proprio autor não imaginou ser isso ãa Modinha, pois como subtítulo do monstrenguinho está "Romance que canta (sic) as duas damas". Quem ou o quê serão estas duas? O subtítulo vem todo em maiúsculas e não me autoriso a garantir alguma peça, melodrama ou coisa que o valha. Mas deve ser. Apenas se indica tratar-se dum arranjo pra piano e duas vozes, por D. J. Ferreira. E' um monstrengo, já falei, sem nenhum quillate de melodia e estrangeirado até mais não. Por malvadeza irónica, diz o texto, no entanto:

"Pela amizade trocamos
A ellução (sic) passageira,
Para longe expillamos
A invação estrangeira!"

Patriotismo, xenofobia e desnacionalisação.

(8) V. nota á peça "O coração perdido" neste Ramilhete. E mais adiante neste Prefácio.

res eruditos em geral, do Segundo Imperio em diante, esquecidos que José Mauricio não perdia vaga nos adágios e solos das suas missas pra lhes imprimir acento modinheiro. Esses autores tinham já fontes, embora escassas, por onde se resguardar dentro duma nacionalidade, mas não tiveram sede nunca dessas fontes. Resultado: não acharam ninfa que os protegesse e, hoje, só encontram naqueles brasileiros que buscam ser dum povo mais que das suas pessoinhas individuais e desprezíveis, memória e juízo frio.

Me perdi pelas digressões e esqueci o problema. E' o seguinte: A proveniência erudita europeia das Modinhas é incontestável. Por outro lado os escribas antigos, se referindo a formas populares, citam o landum, o samba, o cateretê, a chiba, a fofa etc. etc. por Brasil e Portugal, mas a Modinha de que falam é sempre a de salão, de forma e fundo eruditos, vivendo nas côrtes e na burguesia (9). Que eu saiba, só no sec. XIX a Modinha é referida na boca do povo do Brasil. Ora dar-se-á o caso absolutamente rarissimo duma forma erudita haver passado a popular? O contrário é que sempre se dá. Formas e processos populares em todas as épocas foram aproveitados pelos artistas eruditos e transformados de arte que se apreende em arte que se aprende. Mas formas eruditas, ver a da sinfonia, processos eruditos ver o cânone jamais que passaram prás orquestras e corais populares. O fato, por exemplo, dum brinquedo-de-prendas, como o "Frère Jacques, dormez-vous?" ser um cânone infinito, não desmente nada êsse estado de coisas porquê nem se generalizou o processo nem se popularizou propriamente, conservado dentro dum documento só e no ambiente semiculto da burguesia. De resto o cânone podia ser popular na Europa medieval, como o é por exemplo em Malaca, pelo que refere Lachmann,

(9) Qual a data em que a palavra aparece designando um especie de canção em vernáculo? Seria interessante elucidar isso. Que "Moda" já no abrir do sec. XVIII, designava uma canção especial e provavelmente erudita, prova bem um passo da sra. Edmond Wodehouse, copiado dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o qual em 1729 já falava dum "alegre divertimento músico de Cantigas e Modas da terra, de que ha abundância neste país". Diz mais, um bocado obscuramente, a mesma escritora que "the first of them (as Modinhas) occurred in the so-called Jewish operas" de Antonio José da Silva (n. em 1705). Mas a "Modinhas" não encontrei até agora referência nas obras do Judeu que pude compulsar. A todas as cantigas das suas óperas, Antonio José da Silva dava o nome de Arias.

A mesma obscuridade veste o caso curioso contado por Lucas Boiteux na "Historia Catarinense". Diz êle que o governador Francisco de Souza de Menezes (cuja administração foi de 1765 a 1775) "era casado com dona Caetana apreciadora entusiástica de modinhas e cantigas brasileiras". Ora sucedeu que foram deportados pra ilha de Santa Catarina os praças Amaral e Saraiva, por mau comportamento. Mas o último, como soldado que se preza, tangia violão e era cuera na cantiga "nacioná". Isso amoleceu os sóis da amadora colonial que noitemente mandava chamar o Saraiva a palácio e o escutava, escutava. A familiaridade se tornou mesmo tamanha que quando Souza de Menezes partiu da ilha, deixou de presente ao degredado da espôsa, uma chacra que ficava na Lagôa. Porém si o Saraiva foi feliz, nós, infelizes, porquê o passo não prova por nenhuma citação que a palavra "Modinha" já esteja nos textos em que Boiteux colheu a sumarenta anedota.

(10) O caso não é único. Também Fado e Fadinho acabaram por se diferenciar e um faia de boa tradição jamais os confundirá na sua terminologia.

(11) A forma visivelmente erudita da Modinha com Stretto foi

tambem aliás pressentindo alguma influência erudita.

Pois com a Modinha parece que o fenômeno se deu. Porquê si nos povos de civilização propria não sei de exemplo musical do fenômeno, si neles a criação erudita pode influir às vezes no espirito popular porém não ditar-lhe formas; nos povos de civilização importada o caso pode se dar. Entre nós a forma dos Motes e suas Voltas, dos outros setecentistas, é hoje perfeitamente popular no Nordeste e dum padeiro cearense atraído pelo desilussorio eldorado paulista, possuo poesias dessas por sinal que mui bonitas. Aliás o glosar motes se popularizou tambem em Portugal, onde, por exemplo, o cantador Pôtra foi admiravel no gênero (Rev. Lusitana, IX, 140).

Seria êsse o caso da Modinha. A palavra "Moda" pra designar canção vernácula corre desde muito em Portugal. E' geito luso-brasileiro acarinhar tudo com diminutivos. A palavra Modinha nasceu assim. E assim viveu, esporádica, em todos os meios luso-brasileiros até que precisou-se dum termo pra designar as canções de salão em lingua materna e música setecentista. Chamaram-lhes Modinhas por serem delicadas. Ou por terem se tornado eruditamente mais curtas, sem aquela complacência com o tempo que o povo tem nas suas manifestações artísticas. E a palavra, de modinha, qualificativo acarinhante, passou a Modinha, uma forma.

Forma ou gênero? Mais propriamente gênero (10), gênero de romanças de salão em vernáculo, um tempo, e já agora, um dos gêneros da cantiga popular urbana.

Porquê de fato as Modinhas imperiais tomaram muitas das formas da Aria sete- e oitocentista. As possuímos em duas estrofes A - B; em duas estrofes e refrão A - B - C; em estrofe e refrão A - C; em duas estrofes e um Stretto (11) que faz as vezes de refrão A - B - D; e

das que muito se espalharam no Imperio. Nos mais antigos documentos que possuímos ela já aparece aliás, como na "Acaso são êstes. . ." da coleção de Martius e contida neste Ramilhet. Melo Moraes Filho, nos "Cantares Brasileiros" dá a música da "Beijo a mão que me condena. . ." do padre José Mauricio Nunes Garcia, tambem provida de Estreto final - o que indica bem a proveniência erudita da forma. E são inumeráveis em seguida as peças do Noronha, de J. G. Efreim, Aragão da Cachoeira, Arvellos, e muitos outros, seguindo a mesma disposição de movimento.

O curioso é que mesmo essa forma passou pro domínio do nosso povo — o que não é pra admirar, porquê a peça em dois movimentos, um mais lento outro mais rapido, é comum a muitos povos. Ha peças populares assim na Hungria, na Persia. Entre os Arabes a "dança do ventre" é constantemente nessa forma que vai até á China e ao Japão. Em março passado, num zungú sovertido nas noruegas do bairro da Saracura, em plena capital paulistana, tive ensejo de escutar um preta apitando Modinhas. Tanto ela como o lilá duma matrona mulata reconheciam a velhice dessas obrinhas que "não se cantava mais". Não eram feias, e pela melódica, pareciam provir quando muito do Segundo Imperio. Duas delas possuíam Estreto bem caracterizado, o que a cantora indicava ao violonista acompanhador com um "tem terceira parte". Ambas concebidas em A, A - B, B - D, D. Possivelmente obras eruditas, quem sabe si até impressas? não as pude identificar. Corriam como populares e anônimas, mas diferiam profundamente, como se vê, da formalística modinheira popular. Em todo caso a mutação de andamento dentro duma peça não é estranha ao nosso geito popular e ocorre nos cocos só cantados (V. meu "Ensáio") onde a embolada solista muitas vezes é mais rápida que o refrão coral. Manuel Querino ("A Baía de Outrora" 175) refere como "entendidos em música" os que davam o tom pro acompanhador, registrando a seguinte frase: "Primeira parte lá menor, e o allegro mi Bemol" o que alem de indicar o emprégo mais ou menos popular (pois se trata duma farrá popular) do Estreto, indica a mais uma modulação espantosa.

mesmo algumas eruditíssimas, vestindo o espartilho da Aria da Capo, como é o caso de "A Concha e a Virgem", de José Amat e mais poucas.

Na divisão rítmica as Modinhas variam também bastante, as mais antigas no geral preferindo os cortes binários do C ou do 2|4; as já influenciadas pelo Cantabile italiano e pela Valsa, no período de decadência indo frequentemente dos compassos compostos ao pleno 3|4 em que mais elas se vulgarisariam no povo. A maioria das nossas Modinhas populares atuais, e não as milhores, valentemente repisam a ternaridade. Em todo caso o binário da Schottisch, que o gosto romântico pelo exótico pôs em moda justamente um século faz, entra em boa concorrência com as Modinhas - valsas. E isto já parece de pura adaptação popular, pois ao passo que na documentação impressa do Segundo Imperio as Modinhas em 3|4 abundam que é um desespero, não conheço nenhum documento de então seguindo a rítmica da Schottisch.

Mas não é apenas pela manifestação rítmica do ternário do Segundo Imperio que a Modinha tendia a se desartistocratar e a concidir com a banalidade popular pra-ceana. E' pela própria melódica. Passado o apogeu do Primeiro Imperio em que, pela informação de Guilherme de Melo, o proprio imperador cantava Modinhas (e quem sabe si não as inventava? pois era compositor. . .), inicia-se a decadência da Modinha de salão. Um cantabilismo que já não era apenas adocicado, mas duma banalidade insuportável principia aparecendo. Obras languentes, deliquescentes, numa detestável malinconia chupim, se generalizam de repente. Diante disso a Modinha burguesa tinha mesmo que ser abandonada, e o abandono dela, antes que uma doença do nosso desenvolvimento musical, foi uma instintiva reação de saúde (12).

Nesse tempo a Modinha já ultrapassara as janelas abertas dos saraus burgueses; e por ventura colhida no ar dos "serenos" pelo povo, na fermentação dêste elaborava as fórmulas e formas inconscientes que a haviam de nacionalisar com mais violência e dar algumas preciosidades ao populário.

Os compositores de salão já também escutavam agora as Modinhas do povo, em que principalmente baianos e cariocas se exorbitavam e salientavam na sabatina das serestas. Porém a comodidade burguesa daqueles compositores o que unicamente recebia do povo eram desdenhosas espórtulas de banalidade. O novo, o forte, não.

Por outro lado principiavam abundando na composição das Modinhas de salão os músicos de fóra, professores, virtuosos, comerciantes e biscatistas, principalmente vindos na esteira das companhias líricas. Oitenta e cinco por cento das vezes eram pobres de valor, de saber e de orgulho pessoal, e por tudo isso se afaziavam bem á facilidade modinheira da nossa musicalidade urbana. Ou ajudavam a facilita-la. . . Franceses, alemães, italianos, espanhóis, e seus descendentes. . . E são agora os José Amat, os Santini, os Mazziotti, os Rivero, os Giraudon, os Dori-

son, os Rey, os Blanco, os Fachinetti, os Basini, meu Deus! êsses e os Jose Lino de Almeida. . . Fleming, a compor invasoramente Modinhas brasileiras, a que não podiam se opor, contagiados e ensinados por aqueles, Carlos Gomes, Henrique Alves de Mesquita, Elias Alvares Lobo e outros nomes caros assim.

A Modinha Imperial já coincidia então, ás vezes integralmente, com a melódica geral da popular. E' o caso, por exemplo, da "Quando eu morrer ninguém chore a minha morte. . .", de J. S. Arvelos, que conheço editada pela Casa Arthur Napoleão, mas que certamente é bem mais antiga. Com efeito Arvelos, Janeiro da Silva Arvellos, foi o primeiro professor de música do Imperial Collegio de Pedro II, nomeado em 1838 (J. Manuel de Macedo, vl. II, p. 50).

E, não sei si com a mesma linha, êsses versos se popularisaram por todo o Brasil. O tal Fleming tinha sempre um decidido caracter popularesco. Os cacoetes e caracteres da Modinha popular frequentam então muito as obras impressas. A melódica useira em arpejos, o gosto pelos saltos sentimentalmente dramaticos. . . Ha mesmo um "Cego de Amor" ("O Bouquet de Rosas") tão cuera nos saltos que alem de vários de oitava, executa um prodigioso, de undécima!

Aspetto bem curioso das Modinhas de salão é o plano modulatório. Aí elas vencem o eruditismo que as dominava e o deformam de maneira adorável.

Frequentemente não permanecem numa única tonalidade e nisso é manifesta a influência erudita. Porém o plano clássico de modulação prá dominante é muito raro nelas. Convidados a modular, por influência erudita, e ignorantes o descuidosos dos preceitos clássicos de modulação, os compositores modinheiros se estenderam nas mais surpreendentes liberdades.

Já Stafford na sua História da Musica (citação de Guilherme de Melo) afirmava que os Lundús e Modinhas de Portugal em nada se pareciam com as árias das outras nações, apresentando "modulação absolutamente original". Não sei si Stafford observara o fenômeno de que estou falando porque no tempo dele (1830 é a data da edição príncipe da História) a terminologia musical era a todo momento falseada e, alem disso, o livro é celebrenmente ruim, como crítica e história. Terá empregado o termo no sentido técnico ou na acepção vulgar de movimento da melodia? Não posso responder. Mas as poucas Modinhas antigas portuguesas que conheço, nada apresentam dessa "originalidade modulatória absoluta".

Já o mesmo não se dá com as brasileiras. O primeiro contraste, o mais empregado, já é a passagem de Modo sem sair da Tonalidade. A impressão que dá é que êsses modinheiros tinham uma sensibilidade harmônica quinhentista, concebiam o Modo Menor, não como outro Modo, mas como o Maior com terceiro grau abaixado, e o empregavam pra dar variedade á fisionomia tonal, como si fosse

(12) "As Modinhas e os lundús brasileiros quasi que já não existem senão na memória dos antigos; foram banidos dos salões elegantes". . . escrevia J. Manuel de Macedo, antes de 1862.

uma coloração á maneira dos Gêneros gregos (13). Que êles terminassem em Maior uma peça em Menor, inda podia se conceber isso como macaqueação erudita, porém é justamente o que nunca se dá. O que se dá são partes inteiras mudadas de Modo. E' o caso por exemplo, da Modinha "Lamentos" de José d'Almeida Cabral, editada em São Paulo. Não posso de momento achar uma data de referência desse autor. Antonio Egidio Martins que foi tão carinhoso com as tipografias paulistanas, esqueceu de mencionar as litografias no "São Paulo Antigo". Pois êsses "Lamentos", em duas partes, cantam a primeira em Menor e a segunda em Maior. E o mesmo acontece na imoralmente banal balada, "O Grito do Descrido", poesia de A. M. V., música de M. M. ("Flores Brasileiras") que possui uma espécie de Recitativo em Menor e a Balada em Maior. O stretto em Maior, seguindo ao Menor, vem ainda numa bambochata, famanada aliás, "O Gigante de Pedra", música de J. de S. Aragão, cuja edição tem uma das mais felizes capas gênero "bêsta", que se pode imaginar. Cernichiaro atribui a peça não a José de Souza Aragão, modinheiro célebre, mas ao filho dele e também baiano Casusinha. A não ser que ambos sejam igualmente J. de S. Aragão, coisa que o historiador italiano não esclarece.

Mais lógica talvez será a "Nerina, maga estrêla. . ." de outro paulista, Elias Alvares Lobo, mais pretencioso que valioso, Modinha que passando bruscamente de Menor pra Maior no fim da primeira parte, continua no último a segunda parte, a que segue uma terceira de novo em Menor. Esta tendência pra acabar no Modo inicial não é muito frequente. Porém é o que sucede com a "Cada ser fala a seu modo. . .", com música de Francisco Antonio de Carvalho (ed. Filippone e Tornaghi) em que á primeira parte em Menor segue outra em Maior e mais uma terceira que, numa carraspana de volúpias modais, oscila toda entre ambos os Modos pra acabar no inicial. E neste Ramilhete se observará o "Último Adeus do Amor", doutro paulista, Emilio Eutiquiano Correia do Lago, cuja cauda instrumental é uma gostosura. Outro caso curioso dou aqui também com a velhinha, célebre e admirável "Quando as glórias que gosei. . .", de Candido Inacio da Silva.

Como se perceberá por estas citações, ha uma certa preferência pelo Menor. Na Modinha essa preferência existe mesmo. Leva até ao processo de principiar em Maior e acabar em Menor, coisa didaticamente absurda. E' no entanto o que sucede ás vezes. No pequeno album de Martius, duas vêm assim - o que parece indicar a tendência como fortemente colonial.

O mais impressionante nesse processo Maior - Menor é que não se trata de tons relativos, como já falei. Ninguém passa de Fa Maior pra Re Menor e vice-versa. A To-

nalidade persevera sempre a mesma na infinita maioria dos casos. E espanto dos espantos, gostosura maliciosa, é a "Devo fugir-te. . .", do já citado José d'Almeida Cabral, que tem a primeira parte em La Menor e a segunda em Fa Maior! E', como se vê, duma. . . sciência modulatória estúpida: o autor parecendo inverter o conceito das tonalidades relativas, indo buscar uma terceira (embora maior) abaixo, a Tonalidade fundamental.

Tambem muita rara e a modulação prá Dominante. Digna de menção nisso é "A Concha e a Virgem", de José Amat, que Melo Moraes Filho reproduziu nos "Cantares Brasileiros", e cuja edição foi parisiense, com uma bem agradável, bem sentimental litografia de Derancourt. Nessa Modinha em tres partes, a primeira está em Sol Maior, a segunda na tonalidade da dominante, e, como si fosse Aria da Capo, a terceira repisa a melodia da primeira, porém em Sol Menor!

Mais uma tendência que se repete bem, muito mais que o transporte á dominante, é a modulação pro quarto grau. Ainda aqui o banalissimo José d'Almeida Cabral se encontra com o baiano Aragão da Cachoeira. Chamei o Cabral de banalissimo e é incontestavel que o foi como poucos, porém a "Sonhei-te um dia. . .", dedicada a Sant'Ana Gomes, inda pode-se ouvir, e o lundú "A Loirinha" é uma coisa tão positivamente encantadora que de certo a darei noutro Ramilhete de Lundús, quem sabe? Dele é a "Minha Estrêla", em que á primeira parte modulante, principiada em La Menor e acabada em Do Maior, segue uma segunda que abre tomando o Do como quinto grau e batendo nele um acorde de sétima. Isso fixa imediatamente a Tonalidade de Fa Maior, em que a peça continua e termina, repetindo a audácia da "Devo fugir-te. . .", que citei atrás.

De Aragão da Cachoeira é o caso de "As Baianas", peça igualmente banalissima apesar de célebre e multi-celebrada. Tão celebrada que Manuel Querino, Cernichiaro (que a atribui também ao Casusinha), Guilherme de Melo a nomeiam, Melo Moraes Filho e Brito Mendes a transcrevem. Tão célebre que na coleção de "Romances, Modinhas, Lundús, etc.", da Casa Artur Napoleão, ela vem atribuida nada menos que ao proprio Carlos Gomes. Escritura tonal e modulação, vale a pena referir. Primeira parte nitidamente em Fa Maior (14).

A segunda, conservando a mesma armadura de clave (!) está em Si Bemol Maior. Depois, tres acordes, verdadeira modulação de professor de canto fazendo a mocinha vocalisar, e passamos pra Sol Maior em que a terceira parte principia nitidamente, mas com dois sustenidos na armadura de clave! O Sol Maior era. . . pra enganar. Na realidade o compositor queria Re Maior, como já se percebe no terceiro compasso por um, pra aqueles tempos, sur-

(13) Sem insistir, pois se trata aqui de manifestações eruditas de salão, sempre é notável observar que na música da India, ocorre constantemente a alteração de graus que fixam um sentimento de modulação maior - menor dentro da mesma tonalidade (Tiersot). Massenet se aproveita disso numa das melodias do "Rei de Laore", mas sistematizando harmonicamente a modulação, como os nossos modinheiros. Ora não são rarissimas as aproximações entre indianos e brasileiros. . . E ocorrer dentro da cultura musical europea dos nossos compositores imperiais, a sistematização culta de partes

mudando de modo sem sair da tonalidade, coisa que sem sistematização harmônica possível, também sucede nas monodias da India, não sei, faz imaginar. . .

(14) M. Querino ("A Baía de Outrora", 239) diz que "era em menor, muito lirica, composta por Tito Livio e musicada por Casusinha Aragão, da Cachoeira". . .

preendente acorde de nona de dominante, olé! E ainda casos de modulação pro quarto grau, lembro as Modinhas "Era um anjo que eu amei. . .", do padre Mamede Je. G. da S.; e "Ontem no baile. . .", sobre os versos de Gonçalves Dias, do modinheiro João Cirilo Muniz.

O que não pode se contestar na verificação destas constâncias - e por isso me demorei tanto nelas - passagem de Maior pra Menor dentro da mesma Tonalidade, modulação pra subdominante - é que nossos compositores vivos, tão justamente desejosos de se nacionalizar, podiam tirar d'aí verdadeiros planos tonais que especificariam de geito característico a maneira modulatória nacional.

E realmente já se vai fazendo necessária em nossa música erudita uma readmissão mais livre dos elementos nacionais burgueses. Por muitas razões. Si depois do excessivo populismo com que a música internacional contemporânea reagiu contra a vaga sempre romântica do Impressionismo, os compositores, Strawinsky, Falla, Casella, Halfter, Hindemith, Krenek, Poulenc, se voltam pros sonatistas e mais autores eruditos de musica pura, isso não é efeito de moda apenas. E' um completamento das formas nacionais populares de cada país. Musicalmente, estas formas populares são sempre excessivamente fortes, excessivamente caracterisadoras e com isso dão á música erudita uma unidade geral, apertadamente coreografica que em vez de ser nobre, é apenas monótona e fatigante. E' o que se deu com Albeniz, por exemplo. Por mais subtilmente variados nos seus ritmos e linhas, certos autores atuais, de confissão popularisca, ouvindo-se um concérto de músicas deles, a impressão geral que fica é a de repisamento asfixiante duma coisa só. Deus me livre de atacar a mú-

sica popular que antes de mais nada só pode ser o que é, e tal como é, tem sido um dos elementos constantes da minha felicidade, porém pra com a música erudita ela só tem sido nas boas épocas, e só pode ser, uma base e não o todo, ou quasi. E os artistas eruditos, na mais bem concebida pragmática nacionalista, deverão sempre saber que não é o corpo das nações que eles fazem, mas o manto colorido, fantasista, cheio de gostos pessoais nas suas pregas e arrepanhos, que cobre o corpo das nações. Porém este corpo independerá dos individuos. E si o aproveitamento das bases populares é mais que justissimo entre nós, um estudo mais fundo da lição que nos ficou das Modinhas imperiais, pode nos evitar a excessiva coreografia em que nos estamos bamboleando.

Do milionário. . . "bouquet de rosas" que enfeitou a nossa festa imperial, uma centena de flores deve escapar do esquecimento, e não seria tolice que agora, já conhecidas e amadas as forças lindissimas da nosso populário musical, a Modinha de salão encontrasse da parte dos nossos compositores e cantores um discreto renascimento. Elas merecem esse favor pelo que têm de bonito, de curioso e brasileiro. Por isso fiz este Ramilhete, na intenção de bater uma sineta e imprimir um bocado de graça tradicional á vacuidade presente da familia brasileira. Desejo de todo o coração que o album seja bem acolhido e cantado, não pelo prefaciador que está mesmo se importando com as gloriolas do mundo, mas pelos imperiais suspiros aqui salvos da solidão. Estes valem; e esquece-los me pareceria injustiça.

11 de abril de 1930.

NOTAS

I

"Acaso são estes. . ."

Esta Modinha, colhida em São Paulo, vem no album de canções populares brasileiras, anexo, por Spix e Martius, á "Reise in Brasilien".

De grande importância pelos cantos amerindios que registra com indicação inteligente dos seus destinos sociais, esse album é bastante omisso quanto á designação das peças em nossa lingua. A todas agrupa sob o título vago de "Volkslieder", sem mais nenhuma especificação de gênero ou de forma. Esses desleixos são mesmo comuns e já levavam França Junior a pedir que se generalisassem entre nós as execuções de música boa pra que os "botocudos" não chamassem mais uma serenata de Haydn, de Cana Verde. Anekdota pouco sabida entre nós e bem característica dessas confusões é a que reporta da imperatriz Josefina, ao escutar em 1808 os soldados portugueses em Baiona, cantando Chulas, Modinhas e Lundús, ter exclamado entre lágrimas:

"Oh, que j'aime ces gavottes portugaises!"

As canções populares registradas por Martius são todas elas caracteristicamente Modinhas burguesas de salão. Mas no meio delas vem uma "Mulata Bonita", que, si conserva o caracter burguês, é um legitimo lundú, como o proprio Martius especificará na descrição da viagem (vl. II, p. 711).

O fato é que Modinha e Lundum andaram multissimo baralhados, da mesma forma com que mais tarde, com a invasão de música e músicos estrangeiros do Segundo Imperio, as designações Modinha e Romance misturaram-se tambem. A confusão entre Modinha e Lundú está mesmo em autores criticos, do que já se queixou Ribeiro Fortes (p. 147) citando Oliveira Martins e Ronald de Carvalho. Paulo Barreto vai mais longe, dizendo da Modinha brasileira que é o proprio "doce lundum chorado", acrescentando o possivel absurdo cronológico da Modinha provir do Fado. Sobre a origem possivelmente brasileira colonial do Fado e sua época de aparecimento escrevi um artigo na "Ilustração Musical" do Rio, primeiro numero.

O texto desta Modinha é a Lira VI. do livro primeiro da "Márcia de Dirceu". Os versos de Gonzaga foram musicadissimos em Portugal e Brasil, como já indiquei. Isso era justo porque são quasi sempre admiravelmente musicais - o que Burton (vol. I. p. 369) traduzia pro tempo dele, chamando-os de "remarkably operatic". Não são melodramáticos não. São porém muitas vezes duma linha tão sonora que incitam á criação melódica.

Um assunto muito importante que refere-se tanto a esta como ás outras Modinhas e ao canto brasileiro em geral, é que infelizmente nós, os semicultos, não sa-

bemos cantar em nossa lingua. É invejavel a naturalidade com que o povo ignorante já fixou a sua dicção cantada, tanto mais que nos salões burgueses e salas de concerto, os cantores empolam a bonita pronúncia nossa com vogais escritas e indiscreções de bom estilo gramatical. Todos no geral são assim: batem vogais lidas e não faladas, siblam esses, roem éres, principalmente nas sílabas finais, pra que o gênero e número aprendidos na Gramática saíam bem certinhos. Tudo numa ignorância tola da naturalidade falada. Já Socrates ensinava (Hermann Unger, p. 35) que "quanto ás palavras do canto, elas não têm nenhuma outra qualidade que as palavras não cantadas e devem ser ditas segundo as mesmas regras". . . Ficaria exorbitante aqui eu me estender sobre possiveis normas da dicção cantada brasileira, porém é preciso que tenhamos definitivamente a coragem da nossa naturalidade. É ridiculo cantar "casinha pequenina", quando nossa pronúncia mais geral, bonita, e oralmente compreensivel, é "casinha piquinina". Não prégo que se acapire ou se imbecilise a pronúncia, e se diga "ti lembra", por "ti lembra", pois que não é daquele jeito que pronunciamos. Porém temos que saber discretamente evanecer os esses e éres finais, evitando a cruzada de consoantes muito nítidas, desde estas não adiantem mais á intelligibilidade da frase. É preciso saber partir o "ão" em duas sílabas "ã - um", pois que até nos modinhos essas duas sílabas são frequentemente separadas em dois sons melódicos distintos. Nesta mesma Modinha, já a primeira frase indica isso bem, no intervalo melódico la - sol atribuido a "são", que não se deverá dizer "sã - ão", mas "sã - um" decrescendo a claridade e a intensidade da última sílaba. Mas si esta regra do "ão" se pode estabelecer como geral, noutros casos as variantes podem ser numerosas, tudo dependendo dos valores temporais de ritmo ou das sílabas circunvizinhas. Assim nos compassos 18 e 23, os artigos "o" e "os", batidos em semicolcheias sem acentuação, têm que soar positivamente "u" e "uz"; enquanto no compasso 25º, soará como "ó", bem próximo de "u", porém não éste, por valer quatro semicolcheias. Porquê a insistencia da vogal por quatro valores de tempo seguidos, nos obriga a pronuncia-la tal qual é, pra que não perca o artigo a sua intelligibilidade. E assim mil outras subtilidades que tratarei noutro estudo, si puder. O que não se pode mais aceitar é que o nosso canto artistico permaneça na inconsistente e estulta vagueza de dicção em que jaz atualmente.

II

"Escuta, formosa Márcia. . ."

Tambem esta Modinha vem no al-

bum de Spix e Martius, que a designam como colhida em São Paulo. O texto, deliciosamente árcade (a segunda estrofe é muito bonita), é dado como anônimo pelos recolhedores.

Fiz questão de publicar todas as Modinhas deste Ramilhetete na sua simplória harmonisação original, só corrigindo erros patentes de grafia e de gravação. Poderia recorrer a outros mais sabidos e, mesmo dentro da harmonisação clássica, produzir riquezas maiores. É incontestavel que por vezes a parte pianística vai esquerda e sem amplitude sonora, mas corrija-la ou enriqueça-la viria tirar grande parte da realidade tradicional. Alem disso me pareceu de grande utilidade, pôr esta inocência despreziosa em contraposição aos exageros complicados dos compositores contemporaneos. É comunissimo nestes um rebuscamento harmónico tão farto que as peças muitas vezes perdem o conceito mais legitimo de Canções, pra se tornarem obras pra piano, com acompanhamento de . . . canto. Creio que salientei bem esse defeito em meu "Compêndio" (p. 186). Que os nossos compositores compreendam bem a lição dos modinhos imperiais. Não pra fazer como estes, é lógico, mas pra que se conservem dentro duma realidade mais exata de Canção.

Aliás, tanto nesta como na Modinha anterior, a maneira de tratar o piano-forte acompanhante se afasta um pouquinho dos processos usados pelos nossos compositores imperiais de Modinhas. Não parece de brasileiro. . . A impressão que se tem é que Martius levou pra Europa só a melodia das Modinhas e alguém as harmonisou lá. Se nota maior riqueza e principalmente maior habilidade tradicional. Isso inda ressalta mais evidente si compararmos estas duas peças com outra Modinha de estrangeiro tambem e alemão, a n.º 9, de F. L. G. de Varnhagen, vinda neste Ramilhetete. Nessa tambem o estilo de harmonisação, ao passo que se aproxima das do album da "Reise in Brasilien", discrepa um tanto dos processos brasileiros.

III

"Busco a campina serena. . ."

Cândido Inácio da Silva

Esta Modinha que é um primor de graça perfeitissima, foi publicada sob n.º 14, na "Coleção de Modinhas Brasileiras e Portuguesas" de Filippone e Tornaghi, donde a transcrevo. Os versos não trazem nome de autor mas ainda são de bom lirismo árcade. A música é de Cândido Inácio da Silva.

Este músico, totalmente ignorado por nós, me parece estar entre as figuras mais dignas de pesquisa, da composição na-

cional. Porquê si não teve a audácia de se manifestar em obras musicais vultuosas, que eu salba, nem óperas, nem missas, nem sinfonias, foi incontestavelmente um trovador da melhor inspiração. As duas Modinhas dele que transcrevo aqui, são canções admiráveis pela beleza e sentimento de linha melódica.

Precisamos quanto antes procurar as obras dele. Conheço apenas tres Modinhas, as duas deste Ramilhete e mais uma, "Batendo a linda plumagem. . .", bastante inferior.

Cândido Inácio da Silva teve muita voga durante o Imperio. Melo Moraes Filho ("Cantares") reproduz o texto de várias Modinhas dele: "Minha Marília não vive. . .", "Os olhos belos. . .", a "Quando as glórias que gosei. . ." reproduzida aqui, e mais "A hora que te não vejo. . .", que também Guilherme de Melo (p. 134) nomeia entre Modinhas muito estimadas. O texto desta última vem no "Trovador" (vl. V, p. 121), indicando o autor da música. Nesta mesma publicação ainda se dá como de Cândido Inácio da Silva, a Modinha "De uma pastora os olhos belos. . ." (vl. III, p. 35) e o lundú "Lá no largo da Sé. . ." (vl. I, p. 114).

As peças dele sucediam-se em edições várias. As tres que possuo pude examinar em edição dupla. Num exemplar avulso de "Batendo a linda plumagem. . .", edição sem capa, somente assinada pelo gravador P. Laforge, adquirido num alfarabista de Lisboa pela harpista sra. Lea Bach, vem na página branca de rosto, em cursivo metuculoso:

Mrs. Menezes

Exchange is no robbery

Lisbon, 18 July

1835

Dá pra sonhar. . .

Pouco sei e dizem os meus autores, sobre Cândido Inácio da Silva. E' certo que foi aluno do padre José Mauricio Nunes Garcia, com quem aprendeu música na escola gratuita (G. de Melo, p. 164) deste, á rua das Marrecas. De certo ainda aprendeu canto com o mesmo padre, pois é sabido e mencionado que Cândido Inácio da Silva foi cantor. Tenor, especifica Silvio Romero (I, 373). E como virtuose de canto éle se apresentava em concertos.

IV

"Quando as glórias que gosei. . ."

Cândido Inácio da Silva

Outra joia do nosso grande modinheiro. Transcrevo-a numa edição possivelmente secular, em agua-forte, sem indicação nenhuma nem de Litografia impressora. Desprovida de capa, só umas iniciais P. L. no baixo da primeira página permitem inferir que trata-se de Pierre Laforge, o flautista bem ativo que se estabeleceu no Rio de Janeiro com loja de mú-

sicas e copistaria musical. Cândido Inácio da Silva se dava com Laforge, pois tomou parte num concérto organizado por éste e realçado no teatro Constitucional em 1832 (Cernichiaro, 131).

Minha edição dá o texto como anónimo, e no "Trovador" (II, 103) nem o autor da música é indicado. Isso ainda não é nada, pois que Cesar das Neves (fasc. 36, n.º 231) reproduz a Modinha, legitimando-a pois como portuguesa, apenas com a indicação "foi popularíssima, principalmente no Brasil". E que o foi, nos prova melhor um texto de Vieira Fazenda no "Aspecto do Período Presidencial" (cit. de Cernichiaro, p. 55), em que está afirmado que "Quando as glórias que gosei. . ." fôra tão popular como o "Vítú". Não conheço ou me escapou esse texto de Vieira Fazenda. No passo em que ele trata do "Vítú" provando que éste é apenas oitocentista e não multi-secular, a frase não vem (vl. V, p. 165).

Mas a versão portugúesa da modinha de Cândido Inácio da Silva é um crespo horror, eivada de variantes (?) lineares e tonais que a simplorizam e deformam. Aliás parece que o grande modinheiro estava mesmo destinado a esse infortúnio, pois "A Lira Moderna", reproduzirá também "Busco a campina serena. . ." com varios erros. Não porém tão horribéis como os do caso português, no qual basta dizer que o Modo não varia no refrão, pra se julgar que barafunda fica!

V

"Vem cá, minha companheira. . ."

Extrato esta Modinha do album "A Lira Moderna". Todas as obras desse album não trazem indicação de autores, havendo nele no entanto pelo menos duas Modinhas de Cândido Inácio da Silva. Por onde se poderá presumir que mais outras sejam dele também? . . .

E' sempre dolorosa essa morte de alguém no anonimato quando a obra que ficou valeu a pena ficar. . . Parece que nós buscamos mais aos homens que ás suas proprias obras e estas sejam apenas o veiculo das amizades que buscamos. . . O povo é bem mais humano que o indivíduo acovardado por éstes pruridos de erudição. O povo prefere as obras aos autores e bem fazia aquele modinheiro José Domingos Cidade, cujo nome João do Rio preservou na "Alma Encantadora das Ruas", que cantava tão nacional no amor como na sintaxe:

"O autor desta modinha
E' um pobre sem dinheiro,
Já não declaro-lhe o nome,
Sou patriota brasileiro".

VI

"Si te adoro. . ."

Tambem extraída do album "A Lira Moderna". Texto e música anónimos.

VII

"Vem a meus braços. . ."

Ainda do album "A Lira Moderna".
Texto e música anónimos.

VIII

"Roseas flores da alvorada. . ."

Publicada sob n.º 48 no "Novo Album de Modinhas Brasileiras", dos editores Filippone e Tornaghi. Na edição, em agua-forte, não se menciona músico nem poeta. E assim, ainda o texto se repete no "Trovador" (I, 96) em versão mais legítima, que seguiu.

Esta peça é bastante curiosa. Já agora a influência italiana é visível. Estamos próximos de Bellini e Donizetti, e não do pior. Por outro lado já se manifesta a tendência pros saltos grandes e desenhos melódicos arpejantes, que seriam depois normais no modinismo popular.

IX

"O Coração Perdido"

F. L. G. de Varnhagem

Colho esta peça numa litografia avulsa, desprovida de capa, não indicando o autor do verso.

Frederico Luis Guilherme de Varnhagem, pai do grande historiador brasileiro, era alemão e na patria estudara Mineralogia com Werner. Inda moço foi pra Portugal, na companhia do barão de Eschwege, ambos a chamado do Ministro das Finanças, dão Rodrigo de Souza Coutinho. Lá trabalhou sob a direção de José Bonifacio, até que, contratado pelo mesmo ministro, já então conde de Linhares, veio pro Brasil (1809) com o posto de sargento-mór do Real Corpo de Engenheiros, dirigir a fábrica de ferro do Ipanema. Em 1822 voltou pro Reino e lá ficou servindo a patria portugúesa até a morte em 1841. Escreveu, como obra de maior vulto, um tratado sobre o cultivo dos pinheiros (Basílio de Magalhães; Baldi, vl. II, p. XLIX).

E escreveu modinhas, do que os informadores ingratamente se esqueceram. Alem desta, que é deliciosa, outra conheço dele, "A Saudade", pouco menos que mediocre, também sem capa nem indicação editorial, a não ser um OFF. R. Lith. no baixo da página (como também neste "Coração Perdido") indicando edição portugúesa.

Será talvez apropriação discutível dar-se num Ramilhete de Modinhas brasileiras, uma obra do pai do visconde de Porto Seguro. . . Frederico Luis Guilherme, presumivelmente casado com portugúesa, recusando o Imperio novo pelo Reino velho em que já passara parte da mocidade, por vontade propria e vida eficaz, é legitimamente um português. E as suas Modinhas

com êle. Temos que nos sujeitar ao destino dessa familia itinerante que depois de dar ao Brasil o seu mais lindo florão, foi dar diplomatas ao Chile.

Assim: si reproduzo aqui êste "Coração Perdido", não quero roubar riqueza de ninguém. Que se a considere portuguesa ou não, vale aqui pelo que tem de bonita, vale mais como agasalho a um compositor esquecido, que Joaquim de Vasconcelos ignorou na sua nomenclatura de músicos lusitanos; e vale em principal como homenagem a quem nos deu a maior invenção de sua vida, o filho.

De todos os estranhos que têm trabalhado a temática musical brasileira, os alemães são a gente que menos se adapta aos nossos caracteres nacionais. E nos compreende musicalmente inda menos - o que é espantoso numa raça que tudo compreende e leva a sério, até Leoncavallo. Um tempo em que lidei bastante com alemães de S. Paulo, em nossas reuniões que terminavam irremediavelmente em cantoria, sempre me fazia rir por dentro não só o menosprezo que os outros manifestavam ante as deliciosas coisas nacionais que lhes propunha, como a opacidade impenetrável com que não pescavam mesmo nada aqueles bastardos do internacionalíssimo Bach e filhos legítimos do maior peso pesado da música wotânica, Max Reger. Essa incompreensão culmina exemplarmente numas pasmosas "Brasilianische Rhapsodien" (ed. Leuckart, Leipzig) do vulgarete Walter Niemann, aliás bem pianístico e diz-que milhor crítico. Antes então a outra "Rapsodia Brasileira" de frei Pedro Sinzig, cuja menção artística sempre causará um certo malestar. . .

Essa incompreensão germânica da nossa música nacional é uma prova dura contra o possível caracter brasileiro da Modinha imperial. . . Porquê de fato não foi apenas êste Varnhagen a gostar da Modinha burguesa em vernáculo. São numerosos os nomes alemães que berram nos catálogos de Modinhas imperiais; e si não posso jurar que sejam nascidos na Alemanha e pra cá exportados, um Teófilo Sohmann, ou o J. H. Zimmermann, (especialmente êste já tão caracteristicamente brasileiro na "Quando seu bem diz que sim. . .") pelo menos alemão da gema foi aquele coronel Guilherme Meyer, citado por Melo Moraes Filho, e que em péssima pronúncia engrolou sem perdão Modinhas e Lundús por toda a vida.

X

"Deixa, dália, flor mimosa. . ."

Extraio esta Modinha dum manuscrito velho. Deve ter andado impressa, embora não me lembre de ter visto referência a ela nos catálogos. O manuscrito não registrava os nomes dos autores e da mesma forma procede o "Trovador" (IV, 6) ao lhe transcrever o texto, por onde completei o meu.

Entre os numerosos documentos musicais brasileiros que Cesar das Neves registra no "Cancioneiro", vem uma "A Dália" (Fsc. 69, n.º 541), que nos interessa muito aqui. O texto é rigorosamente o mes-

mo desta "Deixa, dália. . .", porém a música é outra. Reproduzo-a pelos interesses que isso pode ter.

De . ixa da . li.a flor mi
Tua i . ma . gem re . spe .

mo . sa De . ixa da . li . a flor mi .
ito . sa Tu . a i . ma . gem re . spe .

mo . sa O . sten . tar tu . a be .
ito . sa E 'o em . ble . ma da tri .

le . za O . sten . tar tu . a be . le . za
ste . za , E 'o em . ble . ma da tri . ste . za

Nas ro . xas fo . lhas tens o pa .

drão Na ro . xas fo . lhas tens o pa .

drão De quan . to so . fre meu co . ra .

ção De quan . to so . fre meu co . ra . ção

Cesar das Neves anota: "Conquanto esta canção seja muito conhecida em Portugal, parece que a sua origem é brasileira". E a dá como "dança de roda". Com efeito a melodia colhida em Portugal se afaz ao gênero das rodas. E si o texto é tão de adultos, isso não quer dizer nada porque as rodas se confinaram aqui ao domínio quasi exclusivo da gatinha infantil, mas em Portugal são comuns as rodas de adultos na população rural.

E' curioso notar dentro da nossa nacionalidade essas mudanças totais de melodia sobre um mesmo texto. Já falei nisso mais pormenoradamente numa Memória, transcrita no "Diário Nacional" de São Paulo (18 - V - 929). Ou os autores não fizeram caso do fenómeno ou êle é mais raro, noutros países. E si os "achúgues" ambulantes da Armênia cantam o texto célebre das "Lágrimas de Arax", em mais duma versão melódica, e o mesmo sucede na Alemanha com o "Tannenbaum", ou na França com o "Malbrough", o fato parece ter importância ocasional na Europa. No Brasil êle é frequentíssimo e assustador. Posso mesmo um texto nosso com oito versões musicais distintas!

O que se poderá imaginar no caso presente é que os versos desta "Dália" foram bastante apreciados e receberam versões musicais independentes no Brasil e em Portugal. Mas a razão dêsse aprêço é que, como tantas vezes sucede com as prefe-

rências populares, escapa completamente á nossa crítica individual.

XI

"Eu tenho no peito. . ."

Padre Telles

Transcrita dum exemplar em agua-forte, pertencente á coleção do compositor Luciano Gallet. E' o n.º 19, do "Novo Album de Modinhas Brasileiras", de Filippo-ne e Tornaghi. Texto anônimo.

Era preciso mesmo publicar uma Modinha de padre neste Ramilhete. . . A relativa liberdade de costumes que nossos padres, frades e freiras de Colônia e Império herdaram de Portugal, deu aqui essa curiosa sublimação de religiosos cantadores. Foram enxames. Minha infância inda alcançou um padre Carvalhinho (possivelmente vivo) bom cantor de Modinhas e Lundús sentimentais, e Cernichiaro (p. 50), se apoiando nas "Efemérides" do Visc. de Porto Seguro, chega a falar num padre mestiço que subia nos palcos públicos do Rio de Janeiro, pra cantar suas Modinhas.

Deviam ser abundantes os ócios padrescos, quasi da mesma vastidão que os dos militares. Assim: a nossa criação modinheira teve dessas duas classes uma contribuição que si não é das mais valiosas, é pelo menos duma fecundidade vasta. Os cronistas que se preocuparam com Modinhas, estão repletos de nomes eclesiásticos e militares.

Entre aqueles, que nos interessam particularmente agora, vem, por exemplo, ainda no sec. XVIII, o padre Domingos Simões da Cunha, mineiro da perdida Paracatú, famoso na solfa profana. No século passado se celebrisaram ainda frei Lopes, o padre Vereza, frei Antonio da Conceição, o cônego Januario da Cunha Barbosa, frei Bastos, monsenhor Marinho, o padre Sant'Ana (baiano que foi mestre-de-capela na Baía, autor dum "Compêndio de Música" e de bailes Pastoris, celebrados no tempo), o padre Anselmo, o padre Olegário Pinto da Silveira Sales. Este último, que era sergipano, alem da compridez da assinatura, parece que confundiu o proprio nome com os das crianças que batisava depois das noitadas modinheiras. O fato é que aparecem um Olegário, um Possidonio e um Guilherme, todos tres, Pinto da Silveira Sales. A não ser que trate-se de tres padres manos, filhos duma, como se está vendo, verdadeira "mãe de santo".

E inda não citei o padre José Mauricio Nunes Garcia, nosso maior compositor religioso, cuja Modinha "Beijo a mão que me condena. . ." é a quasi unica peça profana que nos ficou dele. Essa Modinha deve ter se popularizado bastante, pois Melo Moraes Filho e a sra. Brito Mendes lhe transcrevem texto e música, e o português Nuno Catarino Cardoso (p. 80, n.º 365) lhe reproduz a estrofe como sendo quadra popular brasileira. E lhe troca versos e preposições - o que prova não se tratar duma simples reprodução feita sobre os autores que citei.

Quanto ao padre Tales, é certo que

goso de vasta notoriedade como compositor de Modinhas. Cernichiaro e Guilherme de Melo citam-lhe o nome. Melo Morais Filho reproduz-lhe texto e música do Lundú "Querem ver esta menina . . .", acompanhando-o nisso a sra. Brito Mendes.

Pouco sei sobre quem foi este padre. Melo Morais Filho o enumera numa lista de músicos anteriores á fundação da Opera Nacional (1857), e que foi celebrado nos tempos da Colónia prova já vir nomeado no livro de Balbi que é de 1822.

Parece mais que o padre Teles era baiano. Pelo menos o "Trovador" (V, 80) registra "Eu não gosto de outro amor. . ." como "lundú baiano do padre Teles". A não ser que "lundú baiano", como "toada caipira", "valsa alemã", seja um modo regional de tratar uma determinada forma. Porém nem mesmo os cronistas musicais baianos se utilizaram da expressão nesse sentido. Em todo caso é de estranhar que Manuel Querino se esqueça de nomear o padre Teles nos livros dele.

XII

"Dei um ai, dei um suspiro. . ."

J. M. de Sousa Barros

Não me foi possível saber nada sobre João Martins de Sousa Barros, nem lhe vi jamais o nome a não ser nesta Modinha. Foi publicada, sob o n.º 21, na "Grinalda de Modinhas e Romances" dos sucessores de P. Laforge. Texto anónimo.

XIII

Ultimo Adeus do Amor

Emilio E. C. do Lago

O texto desta modinha é de J. A. B. Junior, e vem reproduzido no "Trovador" (vl. II, p. 6) que o dá como pôsto em música pelo proprio J. A. Barros.

Emilio do Lago, conhecidissimo em São Paulo como professor e compositor, era paulista de nascimento (Mogi Mirim) e aqui viveu, morrendo a 7 de Janeiro de 1871 na vizinhança dos 35 anos. Provavelmente esteve na Europa quando moço. Casou com dona Rafaela de Souza Amaral, tambem professora de piano, de quem teve um filho, ainda vivo, Dona Rafaela de Souza Amaral, diz a tradição que descendia de Marcos Portugal, o que me parece improvavel pois não se sabe que o grande músico português tenha deixado descendência. Morto Emilio do Lago, ela uniu-se em segundas núpcias com José Bonifacio, o Moço, aliás com grande opposição dos orgulhosissimos Andradas que viam na professora de piano uma rebaixante mésalliance. O que não impediu que mais tarde Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, o "maestrinho" como o chamavamos no Conser-

vatorio de São Paulo, fosse tambem um humilde mestre de solfa e dos meus mais lembrados professores, grande erudição.

No principio da sua carreira de compositor, Emilio do Lago, que então ainda se assinava pomposamente Emilio Euti-quiano Correia do Lago, tinha suas pretensões a compositor sério. Esta "Ultimo Adeus do Amor", que vem designada na edição como op. 1, demonstra bem isso, grandiosada nas proporções, com introdução instrumental ambientadora, de character pesquisadamente expressivo, e o final tambem pra instrumento só. Coisa de pouco uso nas Modinhas mais puras. Já não é mais a modinha propriamente. Coincide com a forma usada sistematicamente por Elias Alvares Lobo nas suas peças pra canto, a que chamava de "romances".

Ainda a op. 4, de Emilio do Lago é coisa seria, o famigerado "Canto da Coruja", que Cernichiaro elogia e correu o Brasil: peça descritiva pra piano, de grande ingenuidade, bastante pretensão e nenhum valor. Ainda possuo do compositor "sério", uma op. 9, certamente de 1868, "Hino Patriótico", "expressamente composto para ser cantado no pavilhão do largo de São Gonçalo, por occasião dos solemnes festejos com que os illustres vereadores da Camara Municipal de São Paulo, solemnizarão a occupação de Humaytá pelo exercito brasileiro. Dedicado aos Dignos Mandatarios do povo delo Author". Tudo isso impresso na casa de Henrique Levy.

E' ainda outra peça mediocre. E, fôrça é confessar, embora Emilio do Lago se tenha celebrizado muito, especialmente como compositor de música de dança, nem mesmo as suas peças mais conhecidas deste género, como a celebrada mazurca "Lagrimas da Aurora", escapam á mediocridade. Mas no tempo, na memoria dos contemporaneos e na homenagem de Carlos Gomes, Emilio do Lago era valiosissimo. Carlos Gomes lhe dedicava a modinha "Quem sabe. . .", e o "Diabo Coxo" popularisava a caricatura dele, que era alto, magriço, forte morenez, sentado ao piano, com uma coruja voando por detrás.

Entre as peças que deixou sei ainda dum "Primeiro Amor", "Reminiscencias" mazurca das mais aplaudidas, "A Sercia", "Cabrião", polca, "Marcha Militar", "Rosa Mistica", "Canção do Boêmio" recitativo tambem célebre hoje não se percebe por quê, e como última em data, a "Seráfica".

De tudo isso escapa, como mais digna de consideração, esta curiosa "Ultimo Adeus do Amor", de bonita linha e importância musical. Com efeito, é bem caracteristica da mixórdia de cultura e populismo que la no movimento modinheiro de salão, no Segundo Imperio. Tudo nesta obra deliciosa é briga entre pretensão, tradições cultas e expontaneidade popular. E banalidade popularisca tambem. Forma eminentemente erudita, com estreito. Introdução dramática e logo uma teatral progressão ao "De ti bem longe. . .", que convida á gesticulação do subteatro lirico italiano. Mas já um mundo novo de ternaridade rítmica, de quem é "um bicho na varsa", e outros valores populares deformam o vicio erudito. Estamos quasi no domínio da opereta. Mas delicioso de sentimentalismo e clareza linear.

XIV

"Que noites eu passo. . ."

A. J. S. Monteiro

Outro modinheiro que não sei quem é. Peça já bem moderna, traz o n.º 118 na coleção de Romances, Modinhas e Lundús, dos editores Artur Napolião e Cia., donde a transcrevo.

O que distingue especialmente esta Modinha das anteriores, é o character já bastante popularesco. A cadência estrófica do canto, que apparecera mas ainda burguesamente enfeitada na peça do Sousa Barros, aqui já traz a simplicidade com que se eternisaria num infinito número de Modinhas populares. Aliás toda a melodia é bem pura e rescende ao geito popular. O proprio acompanhamento acusa influencia popularisante dos instrumentos de cordas dedilhadas, violão, guitarra, viola portuguesa.

O texto é dum dr. Vilela Tavares. O que mais se pode recomendar é que seja largamente cortado na execução, pra evitar monotonia e desgosto. Coisa aliás praticável, com mais discreção, em outras peças tambem. Si nesta Modinha, pela maior rapidez de andamento, quatro estrofes podem ser cantadas sem fadiga, outras ha em que duas estrofes bastarão.

Seria tambem recomendavel que não se abusasse dos andamentos lentos. Nesta Modinha, por exemplo, um movimento metronómico de 168 ou 176 para a seminima, imprimirá ao Alegre um character apaixonado bem sensível. Será talvez menos popular, mas fica mais discreto, mais expressivo e artistico.

XV

"Hei-de amar-te até morrer!"

Tambem outro documento já de muito e delicioso character popularesco. Peça anónima, que se tornou muito celebrada em todo o Brasil, a tradição a considera como baiana de origem. Foi publicada pelos editores Narciso e Artur Napolião, donde a reproduzo. Mas é mais antiga que eles como se verá da Bibliografia.

XVI

Lundum para piano

Achei que era fechar com chave de ouro o Ramilhete, acabando com este Lundum para piano. E' uma deliciosissima obrinha, pela graça amaneirada, pela boniteza legitima de algumas linhas. E até ainda ironicamente deliciosa pela falta de character. Não é possível a gente imaginar um Lundum menos lundú. Nem possuí o movimento coreográfico com que os escravos de Angola implantaram essa dança no Brasil e em Portugal, nem muito menos o character de canção urbana, de intenção mais ou menos cómica ou irónica, em que o

Lundú se converteu aqui, durante o período modinheiro oitocentista. É um Andante legitimamente europeu, muito evocando Mozart. Porquê a mão que escreveu o Andante admirável da Sonata em Do Maior, n.º 1. vl. I da ed. Germer, na certa não repudiava a primeira estrofe deste Lundum. Encontrei-o no album da "Lira Moderna" donde o transcrevo sem tirar nem por. Está claro que será aconselhável su-

primir certas estrofes. O compositor anónimo era inspirado, sim, porém bastante esbanjador de vulgaridades também. A excessiva complacência pra consigo não lhe permitia perceber-las. E ás vezes um discreto esquecimento de partes é mais honrar que deturpar a obra dos artistas. Ter génio não quer dizer possuir genialidade obrigatória a todo instante da vida. O caçador não depende apenas de si e do que

traz consigo: depende da caça também, e certos dias neste mato não ha jaó que responda. Piar, a gente assopra no pio e pia, mas si não ha jaó! . . . Muitas obras dos génios são dêsse piados sem resposta; e quando nós adoramos sem condição a obra integral dum homem, na verdade estamos lhe emprestando a nossa caça pra que êle finja ter caçado. No mínimo, é inútil: não caçou.

BIBLIOGRAFIA MUSICAL CONSULTADA:

"Abelha Musical", ed. Successores de P. Laforge. Esta publicação periódica durou de 1858 a 1862.

"Album de Armia", sem nenhuma indicação nem editorial nem de oficina impressora. Conheço apenas uma das peças desta coletânea, "A Morte", música de Dorison, vendida por Sidow e Cia., diz o carimbo.

"Album de canto", ed. Raphael e Cia., Rio de Janeiro, rua dos Ourives, 43.

"Album de Canto Nacional", Imperial Estabelecimento Musical de Rocha & Corrêa, Praça da Constituição, 11, Rio de Janeiro.

"Album de Canto Nacional", ed. Narciso, rua dos Ourives, 62.

"Album de Modinhas" de José Lino de Almeida Fleming, ed. Narciso e Cia., rua dos Ourives, 58.

"Album de Romances e Modinhas Nacionais", Imperial Estabelecimento Musical, de José Maria Alves da Rocha, Rio de Janeiro, Praça da Constituição, 11.

Almeida Cabral, José d': possui nove peças deste modinheiro, todas impressas em S. Paulo, na Imperial Lithographia a vapor de Jules Martin. Sete são Modinhas. E mais um Lundum e uma Chiba.

"A Lyra do Trovador", que teve perto de cem numeros, ed. do Imperial Estabelecimento Musical, de T. B. Diniz, Rio de Janeiro, Praça da Constituição, 11.

"A Lyra Moderna", ou Collecção de Modinhas Brasileiras escolhidas e d'hum grande Lundum para piano-forte, Rio de Janeiro, em caza de Eduardo Laemmert, mercador de livros e de muzica, rua da Quitanda, 139. Provavelmente esta publicação é anterior a 1848.

Amat, José: "A Concha e a Virgem", ed. Salmon e Cia., Rio de Janeiro, rua da Assembleia, 85.

Arvellos, J. S.: compositor de Modinhas, também foi editor de músicas no Rio de Janeiro, um tempo á rua da Assembleia, 125-B, outro, á rua da Carioca, 122. Nesta, editou também o "Bouquet de Rosas", em que foi impressa, creio que pela primeira vez, a "Hei-de amar-te até morrer", aqui reproduzida de outra edição mais recente. Este "Bouquet de Rosas" é o mesmo "Bouquet das Rosas" de Sidow e Cia. a quem Arvellos succedeu.

"As Brasileiras", collecção de Modinhas, ed. Isidoro Bevilacqua, rua dos Ourives, 53, Rio de Janeiro.

"As Flores Brasileiras", collecção de Romances, Modinhas e Lundús, Imperial Copistaria e Imprensa de Musica de João Pereira da Silva, praça da Constituição, 11 Rio de Janeiro.

"Collecção de Modinhas Brasileiras e Portuguezas", Imperial Imprensa de Musica, de Filippone e Tornaghi, Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 101.

"Collecção de Modinhas, Lundús, Recitativos, etc. etc.", da Casa Bevilacqua, Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 145. O título desta coleção, de primeiro foi substituído apenas. Chamava-se então "O Trovador". quando a casa editora inda estava á rua dos Ourives, 43. A mesma casa editou ainda muitas Modinhas avulsas, fóra de coleção.

"Collecção de Romances, Modinhas, Lundús, etc. com acompanhamento de piano"; Arthur Napoleão e Cia., Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 89. Esta coleção chegou a mais de trezentos números. Mas foi na realidade, continuação de outra, cujos números encampou, e que tinha o título: "Modinhas, Romances e Lundús", da mesma casa editora, quando se chamava ainda Narciso e Arthur Napoleão, rua dos Ourives, 60 e 62.

Corrêa do Lago, Emilio Eutiquiano: "Ultimo Adeus do Amor", edição de autor, feita em Paris na Imp. de Leon Salme, 18, rue du Louvre.

"Delicias da Traviata", arranjadas pelo prof. Raphael Coelho Machado, sem indicação de casa editora, impressa á rua da Quitanda, 43. O retrato da De La Grange, gravado em litografia, unido á edição, foi felto no Rio de Janeiro pela Imperial Lithographia de Brito e Braga, rua Nova do Ouvidor, 25.

"Gazeta Musical do Brasil". publicação periódica que atingiu pelo menos a 80 números, ed. Soland de Chirol, Rio de Janeiro, praça da Constituição, 58.

"Grinalda de Modinhas e Romances em Portuguez", ed. Successores de P. Laforge, Rio de Janeiro, rua dos Ourives, 60.

Laforge, P. flautista do Primeiro Imperio, foi editor de numerosas modinhas, que, raríssimas hoje, não possuíam título de coleção, não tinham capa, e eram em agua-forte. Possoo várias dessas edições avulsas e delas faz parte a "Quando as glórias que gosei. . ." de Cândido Inácio da Silva, aqui reproduzida.

"Novo Album de Modinhas Brasileiras", Imp. Imprensa de Musica de Filippone e Tornaghi. Max Fleiuss diz que esta publicação durou de 1869 a 1875; registrando ainda um "Album de Modinhas Brasileiras" como aparecido em 1869.

"O Bouquet das Rosas", ed. de V. Sydow e Cia., rua dos Ourives, 61. Esta casa publicou também um Album de Modinhas de Laurindo Rabello, com música de J. L. de Almeida Cunha (João Cunha), dedicado "ás jovens fluminenses", e que custava 3\$000. Publicou ainda um "Album de Canto" em que saíram varios trechos das operas de Elias Alvares Lobo, Modinhas diversas (algumas possoo), romanze italianas e trechos de operas em francês.

"Os Doze Mezes do Anno", contendo "Romances, Balladas, Canções, Cançonetes, Arietas e Modinhas", do Imperial Estabelecimento Musical de T. B. Diniz, Rio de Janeiro, praça da Constituição, 11. Alem de tão habil na especificação das peças, esta coleção traz uma capa adoravel, representando os signos do Zodiaco, gravada na Lithographia d'Aranha, que ficava na rua do Cano, 59. Alem disso é curioso notar como nesse número 11 da praça da Constituição, as firmas musicais succediam-se numa desesperada luta por viver. Nada menos de 4 firmas, a dête Diniz, a que continuou João Pereira da Silva. E mais José Maria Alves da Rocha e Rocha & Corrêa.

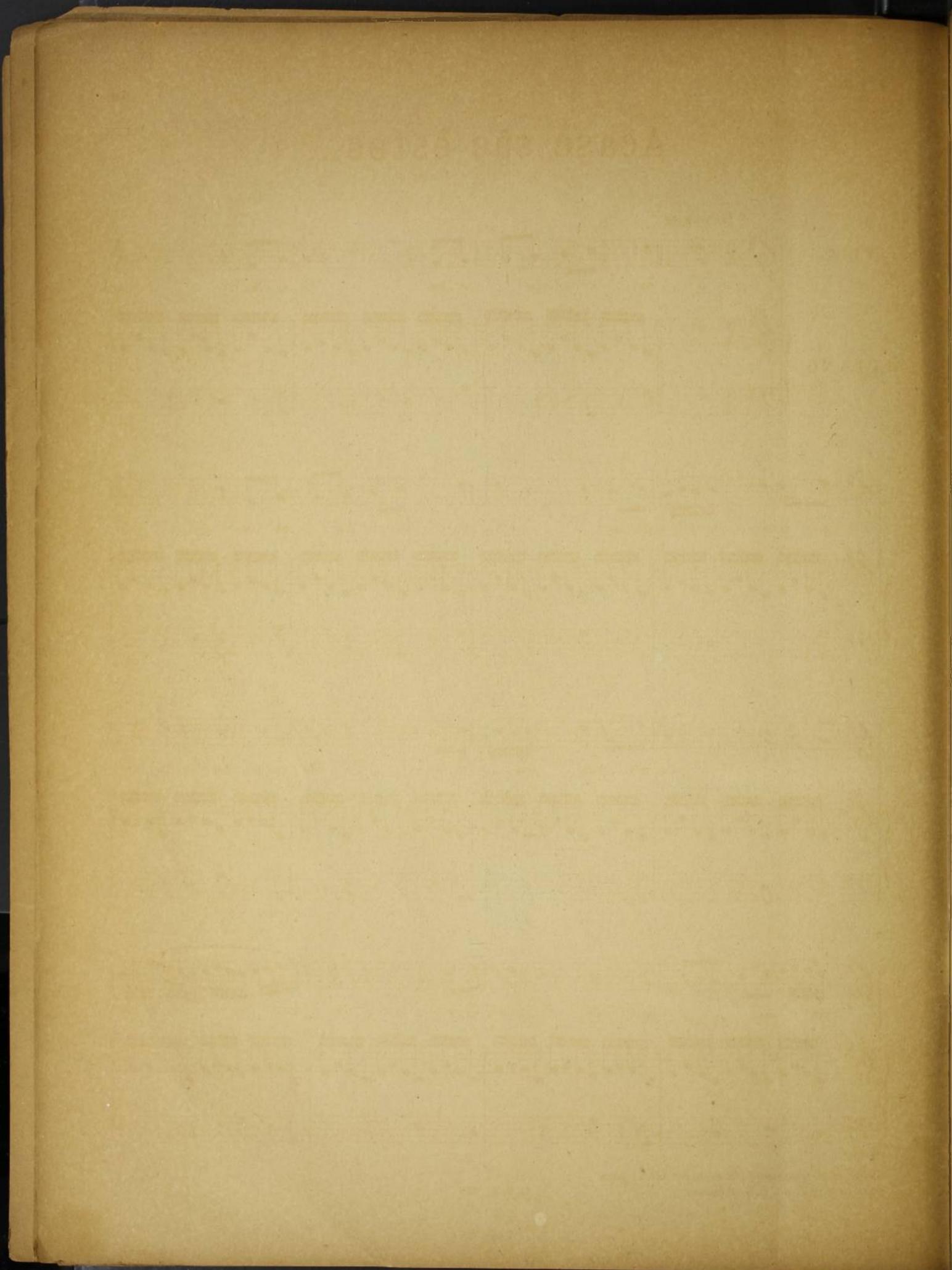
"Ramalhete das Damas", publicação periódica, editada pela Lithographia de Heaton e Rensburg, Rio de Janeiro, á rua da Ajuda, 68. Teve pelo menos 5 anos de existência. Apareceu em 1850.

Souza, Ernesto de: "Composições de" ed. Manuel Antonio Guimarães, successor de Buschmann, Guimarães e Irmão, Rio de Janeiro, rua dos Ourives, 50 e 52, Este autor que intitulava suas peças de "cançonetes", compôs o famoso "Angú do Barrão", cujo sucesso inda ecoa no Brasil.

(Esta nomenclatura é sempre um esboço, embora bastante incompleto, de Bibliografia Modinheira imperial. Valerá como primeira guia pra quem se abalançar a trabalho mais perfeito. Infelizmente faltam detestavelmente as datas. Procura-las seria um trabalhão imenso, que no momento, e vivendo em São Paulo, me era impossivel fazer. Deixo também de nomear muitas peças avulsas pra não alongar demais as páginas literárias dête Ramilhete).

BIBLIOGRAFIA CITADA:

- Andrade, Mario de: "Ensáio sobre Música Brasileira", ed. Chiarato, S. Paulo, 1929.
- Andrade, Mario de: "Compêndio de Historia da Música", ed. Chiarato, S. Paulo, 1929.
- A. P. D. G.: "Sketches of Portuguese Life". Londres, 1826.
- Balbi, Adriano: "Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve", Paris, 1822.
- Bantock, Granville: "One Hundred Folksongs of all Nations", The Musicians Library, Boston.
- Barreto, Paulo (João do Rio): "Fados e Canções de Portugal", ed. Garnier, Rio de Janeiro.
- Barreto, Paulo (João do Rio): "Alma Encantadora das Ruas", ed. Garnier, 1910.
- Boiteux, Lucas: "Notas para a Historia Catharinense", Florianopolis, 1912.
- Brito Mendes, dona Julia: "Canções Populares do Brasil", ed. J. Ribeiro dos Santos, Rio de Janeiro.
- Burton, Cap.: "The Highlands of the Brazil", Londres, 1869.
- Campos, Ruben M.: "El Folklore y la Musica Mexicana", Imprensa Nacional, Mexico, 1928.
- Cardoso, Nuno Catharino: "Cancioneiro Popular Português e Brasileiro", ed. Portugal - Brasil Ltda., Lisboa, 1921.
- Cernicchiaro, Vincenzo: "Storia della Musica nel Brasile", ed. Fratelli Riccioni, Milão, 1926.
- Coelho Machado, Raphael: "Dicionario Musical". A edição príncipe desse livro rúm é de 1842, Rio de Janeiro, tip. Francesa, rua de S. José, 64. Ha uma segunda edição acessível, de Garnier, sem data de publicação, aumentada pelo autor e seu filho, e igualmente rúm.
- Friedenthal, Albert: "Stimmen der Völker", vl. VI (Brasilien), ed. Schlesingersche Buch und Musikhandlung, Berlin.
- Fleiss, Max: "Imprensa Brasileira", cap. XXXV do "Diccionario Hist. Geog. e Ethn. do Brasil", Imprensa Nacional 1922.
- "Iris", periódico redigido pelo cons. José Feliciano de Castilho, Rio de Janeiro, 1848 - 1849.
- Kinsey: "Portugal Illustrated", Londres, 1828.
- Lachmann, R.: "Musik der ausser-europäischen Natur - und Kulturvölker". Handbuch des Musikwissenschaft, fasc. 85; Wildpark - Potsdam.
- Link M. "Voyage en Portugal" Paris, 1803.
- Macedo, Joaquim Manual de: "Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro", Rio de Janeiro, 1862.
- Magalhães, Basilio: "Varnhagen", Boletim da Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., 1928.
- Martins, Antonio Egydio: "São Paulo Antigo", tip. do "Diario Official", São Paulo, 1912.
- Mello Moraes Filho: "Cantares Brasileiros", ed. Jacintho Ribeiro dos Santos, Rio de Janeiro, 1900.
- Mello Moraes Filho: "Serenatas e Saraus", ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1901.
- Neves, Cesar das Neves e Gualdino de Campos: "Cancioneiro de Musicas Populares", Empreza Editora Cesar, Campos e Cia., Porto, 1896 a 1898.
- Oliveira Lima: "Aspectos da Literatura Colonial Brasileira", Leipsig, 1894.
- Pereira de Mello, Guilherme: "A Musica no Brasil", tip. S. Joachim, Baía 1908.
- Querino, Manuel: "Artistas Bahianos" (2.º ed.) ed. "A Bahia", Baía, 1911. (A edição príncipe é da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1909).
- Querino, Manuel: "As Artes na Bahia", (2.º ed.) tip. "Diario da Bahia", Baía, 1913. (A capa indica erradamente 1912)
- Querino, Manuel: "A Bahia de Ourora", liv. Economica, Baía, 1922.
- Ribeiro Fortes, José Maciel: "O Fado", Comp Portuguesa Editora, Porto, 1922.
- Romero, Silvio: "Historia da Literatura Brasileira", ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1888.
- Sanches de Frias, Visc. de: "Arthur Napoleão", Lisboa, 1913.
- Spix e Martius: "Reise in Brasilien", Munique, 1831.
- Tiersot, Julien: "Notes d'Ethnographie Musicale", Fischbacher, Paris, 1905.
- Unger, Hermann: "Musikgeschichte in Selbstzeugnissen", ed. R. Piper, Munique, 1928.
- Vasconcellos, Joachim de: "Os Musicos Portugueses", Imprensa Portuguesa, Porto, 1870.
- Vieira Fazenda, José: "Antiquilhas e Memorias do Rio de Janeiro", Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., Tomos 86, 88, 89, 93 e 95.
- Wodhouse, Sra Edmund: artigo "Song" em "Grove's Dictionary of Music and Musicians", Macmillan and Co., Londres, 1914.



Acaso são êstes...

Devagar.

VOZ.

A - ca - so são es - tes Os si - tios Os

PIANO.

si - tios for - mo - sos A - on - de pas - sa - va Os

a - nos Os a - nos gos - to - sos São es - tes os

pra - dos A - on - de brin - ca - va A - on - de brin.

4155

ca.va Enquan - to pas - ta - va O gor - do re - ba - nho Que Alce - u me

dei.xou? São es - tes os si - tios São es - tes os si - tios São

es - tes mas eu o mes - mo não sou Ma - ri - lia tu cha - mas? Es - pe - ra que eu

vou. Es - pe - ra que eu vou. Ma - ri - lia, tu cha - mas? es - pe - ra que eu vou.

4155

2.

Daquele penhasco
Um rio caía
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas,
Parece que o rio
O curso voltou.

São estes os sitios etc.

3.

Meus versos alegre
Aqui repetia;
O eco as palavras
Tres vezes dizia.
Si chamo por êle
Já não me responde,
Parece se esconde
Cançado de dar-me
Os ais que lhe dou.

São estes os sitios etc.

4.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno;
A' esquerda se erguia
Um bosque fechado
E o tempo apressado
Que nada respeita
Já tudo mudou.

São estes os sitios etc.

5.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço dum dia?
Existem as fontes
E os feixos copados,
Dão flores os prados
E corre a cascata
Que nunca secou.

São estes os sitios etc.

6.

Minha alma que tinha
Liberta a vontade
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sitios formosos
Que já me agradaram
Ah! não se mudaram
Mudaram-se os olhos
De triste que estou.

São estes os sitios etc.

Escuta, formosa Marcia...

Devagar.

VOZ.

Es - cu - ta for - no - sa Mar - cia tris - tes ais do teu pas - tor

PIANO.

São ais que a dar - lhe en - sinou O ti - ra - no Deus A - mor

O ti - ra - no Deus A - mor O ti - ra - no Deus A - mor.

4155

2.

Eu nem suspirar sabia
 Antes de te conhecer
 Mas depois que vi teus olhos
 Sei suspirar, sei morrer.

Busco a campina serena...

Devagar.

PIANO.

The piano introduction consists of two staves. The right hand features a melodic line with a triplet of eighth notes and various ornaments. The left hand provides a rhythmic accompaniment with chords and single notes.

Bus - co a cam - pi - na se - re - na pa - ra li - vre sus - pi -

The first system shows the vocal line and piano accompaniment for the first phrase. The piano accompaniment is a steady eighth-note accompaniment.

rar bus - co a cam - pi - na se - re - na pa - ra

The second system shows the vocal line and piano accompaniment for the second phrase. The piano accompaniment continues with the same eighth-note accompaniment.

li - vre sus - pi - rar

1. 2.

-rar Cresce o

The final system shows the vocal line and piano accompaniment for the final phrase. It includes first and second endings. The piano accompaniment concludes with a final chord.

mal que me a - tor - men - ta au -

men - ta - se o meu pe - nar cresce o mal que me a - tor -

men - ta au - men - ta - se o meu pe - nar.

4155

2.

Si ao brando rio procuro
 As minhas penas contar
 O rio foge de ouvir-me
 Aumenta-se o meu penar.

3.

Si ao terno canto de uma ave
 Vou meus gemidos juntar,
 Emudece o passarinho
 Aumenta-se o meu penar.

Quando as glorias que gosei...

Devagar.

VOZ.

PIANO.

Quando as

glo . rias que go . se . i vou na i . de . ia re . vol . ver vou na i . de . ia re . vol

ver Sinto a for . ça da sau . da . de meu triste pran . to cor . rer sin . to a

for . ça da sau . da . de meu triste pran . to cor . rer . rer os que já

1. Afobando.

2.

ti - ve do - ces mo - men - tos são ho - je a cau - sados meus tor - men - tos os que já

ti - ve do - ces mo - men - tos são ho - je a cau - sa dos meus tor - men - tos os que já

ti - ve do - ces mo - men - tos são ho - je a cau - sa dos meus tor - men - tos os que já

ti - ve do - ces mo - men - tos são ho - je a cau - sa dos meus tor - men - tos são ho - je a cau - sados meus tor - men - tos.

4155

Encantos que já não goso,
 Mas que não posso esquecer,
 Fazem dos meus olhos tristes,
 Meu triste pranto correr.

Os que já tive etc.

Eu bem sei para que amor
 Me quis ditoso fazer,
 Foi para ver de continuo
 Meu triste pranto correr.

Os que já tive etc.

Vem cá, minha companheira...

Devagar.

VOZ.

Vem cá minha com - pa - nhei - ra Vem tris - te mi - mo - sa flor Vem

PIANO.

cá mi - nha com - pa - nhei - ra Vem tris - te, mi - mo - sa - flor! Si

tens da sau - da - de o no - me da sau - da - de eu te - nho a dor Si tens da sau - da - de o

no - me da sau - da - de eu tenho a dor Da sau - da - de eu te - nho a dor!

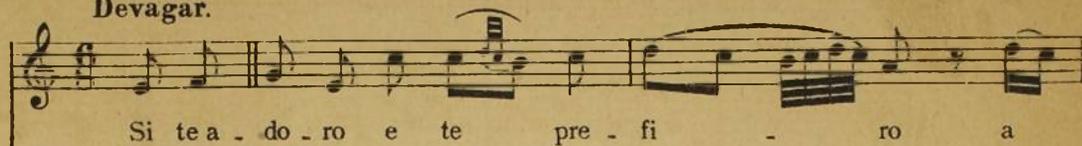
2.
 Onde te pegou Marília?
 Dize, onde um beijo te deu? } *bis*
 Mostra o lugar, nele quero
 Dar-te outro beijo meu! } *bis*

3.
 Marília em tudo te iguala, } *bis*
 Linda e delicada flor,
 Mas, infeliz, que em seu peito } *bis*
 Quanto duras, dure amor!

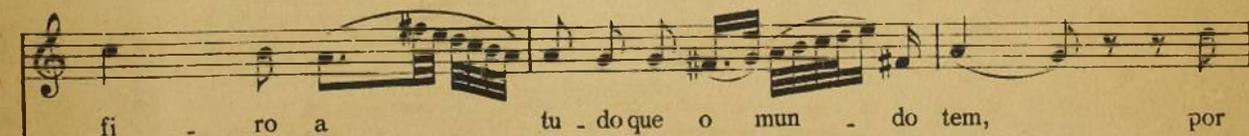
Si te adoro...

Devagar.

V O Z.



P I A N O.



quê me mal - tra - tas Li - lia em que te o - fen - di meu

bem por - quê me mal - tra - tas Li - lia em

que te o - fen - di me - u bem.

2.

Si aos magoados ais que exalo,
 Responder não te convem,
 Dize ao menos compassiva,
 Em que te ofendi, meu bem.

3.

Ah, Lilia, meu ser cansado
 Minha vida mal sustem,
 Morrerei si não declaras,
 Em que te ofendi, meu bem.

Vem a meus braços...

Devagar

V O Z.



Vem a meus bra - ços meu do - ce en - can - to, o ter - no

P I A N O.



pran - to vem a - bran - dar. Vem a meus bra - ços meu do - ce en -

can - to, o ter - no pran - to vem a - bran - dar. Ah! já não

a - mas o teu Jo - zi - no, cruel des - ti - no fez te mu -

dar, Ah! já não a - mas, o teu Jo - zi - no, cru - el des -

ti - no, Fez te mu - dar cruel des - ti - no

Fez - te mu - dar Mu - dar, Mu - dar!

Roseas flores d'alvorada...

Moderado

V O Z.

Ro.seas flô - res d'al .vo .ra . da, Teus per.

PIANO.

fu - mes cau - sam dôr... Ro.seas flô - res d'al .vo -

ra - da, Teus per.fu - mes cau - sam dôr, Essa i.ma - gem que re -

cor das E' meu pu - ro e san - to a - mor. Es - sa i -

ma - gem que re - cor - das E' meu pu - ro e san - to a - mor.

Allegro.

Ai! quem res - pi - ra Os teus o - dô - res, Fe - ne - ce tris - te, Mor - re de a - mo - res.

4155

2.

Não póde gosar venturas
 Quem de amor sofre aflição
 Não póde afeito aos gemidos
 Ter prazer meu coração.

Ai! quem respira, etc.

3.

Sem os sonhos de ventura
 Murchou-se a flôr do desejo,
 Que m'importam outras flôres
 Si a minha bela eu não vejo.

Ai! quem respira, etc.

4.

Deixai que eu viva de penas,
 De saudade e de lembrança,
 Já que siquer me não resta
 Nem uma só esperança.

Ai! quem respira, etc.

O Coração Perdido

Andante

VOZ.

Per - di per - di a li - ber - da - de A - deus a -

PIANO.

de - us co - ra - ção de u - ma te - nho sau - da - de

e do ou - tro com - pai - xão de u - ma te - nho sau -

da - de e do ou - tro com - pai - xão.

Deixa dalia, flor mimosa...

Moderado.

V O Z.

Dei - xa da - li - a flôr mi - mo - sa d'os - ten -

PIANO.

tar tua be - le - za Dei - xa da - li - a flôr mi -

mo - sa, d'os - ten - tar tu - a be - le - za Tu a i -

ma - gem res - pei - to - sa, é o em - ble - ma da tris -

te - za tu a i - ma - gem res - pei - to - sa, é o em

ble - ma da tris - te - za Nas ro - xas fo - lhas tens o pa -

drão, de quan - to so - fre meu co - ra - ção Nas ro - xas

fo - lhas tens o pa - drão de quan - to so - fre meu co - ra - ção.

2.

Teu centro duro exaspera
 Minha alma, em zelos acesa,
 Flor que assim paixão exprime
 E' o emblema da tristeza

Nas roxas folhas etc.

Eu tenho no peito...

Devagar.

V O Z.

PIANO.

Eu te - nho no pei - to um

lin - do sem - blan - te eu te - nho no

pei - to um lin - do sem - blan - te um

4155

lin - do um lin - do sem - blan - te 1. 2. blan . te

Que me tem ca - ti - vo de quem sou a - man - te

de quem sou a - man - te de quem de quem sou a -

man - te de quem sou a - man - te.

4155

Dei um ai, dei um suspiro...

Moderado.

VOZ.

Dei um á - i dei um sus - pi - ro, E foi

PIANO.

um sus - pi - ro em vão Dei um ái dei um sus -

pi - ro, E foi um sus - pi - ro em vão

Animado.

Sa - i - do de um pei - to tris - te Foi mor - rer na so - li -

dão Sa - i - do de um pei - to tris - te Foi mor -

rer na so - li - dão. foi mor - rer na so - li - dão.

Dei um ai dei um suspiro
 Ninguém de certo escudou
 Este ai que as fibras todas
 Do coração me rasgou.

Si meu ai fosse escutado,
 Meu suspiro fosse ouvido,
 Não sofreria os revezes
 De meu fado enegrecido.

Mas ela por quem morro,
 Por quem padeço e deliro,
 Não faz caso de meus ais
 E' surda ao meu suspiro.

Ultimo Adeus de Amor.

Moderado. (♩ = 69)

V O Z.

PIANO.

f

dimi - nuin - do.

rall.

De ti bem lon - ge Meu do. ce en - can - to Sin - to minh' al - ma

p

En - volta em pran - to De ti bem lon - ge Meu do. ce en - can - to

agitando

acel.

Cre - scen - -

Sin-to minh'-al ma En-vol-ta em pranto Meu Deus que dô-res Que

do *sf alargando.* *p*

fe bre ar-dente Me a-bra-za o peito Me faz de-men-te

marcado *cedendo* *rall.*

Rapido

Ah! qu'eu não pos-sa Nos bra-ços te-us

p

Nest' - ho-ra ex-tre - ma Di - ser - te a - de -

Doloroso e com ternura.

us Ah qu'eu não pos - sa Nos bra - ços te -

us Nest' - ho - ra ex - tre - ma Di - zer - te a - deus.

f *p*

f *p*

f FIM.

Adeus, meu anjo,
Morro te amando,
No pensamento
Só te abraçando.

Pensa constante
Num pobre louco
Que os teus amores
Gozou tão pouco.

Ah! que eu não possa...etc.

Que noites eu passo...

Moderado.

PIANO.

The piano introduction consists of six measures. The right hand features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a rhythmic accompaniment with eighth notes and chords. A dynamic marking of *p* (piano) is present.

The first system of the vocal and piano accompaniment. The vocal line begins with the lyrics "Que noi - tes eu pas - so a - qui no ro -". The piano accompaniment continues with a similar rhythmic pattern to the introduction.

The second system of the vocal and piano accompaniment. The vocal line continues with the lyrics "che - do A' bor - da do mar, Que". The piano accompaniment features a first ending (marked "1.") and a second ending (marked "2.") leading to a repeat sign.

The third system of the vocal and piano accompaniment. The vocal line concludes with the lyrics "In - qui - e - to e a - fli - to, com sus - to e com me - do E sempre a cui -". The piano accompaniment concludes with a final chord.

.dar.

1 Final

pp com express.

4155

Si chove, ligeiro as aguas correndo
A choça humidecem;
Viuvras, Mombebas, na gruta gemendo
Minh'alma entristecem.

Si o cume do pico a lua prateia
Ao seu clarear
Meu peito infeliz suspira e anseia,
Começo a chorar.

Passadas venturas me vêm á lembrança
Que doce painel..!
Contemplo depois da sorte a mudança,
Para tão cruel.

Sem forças, em vão, deitado no leito
Eu quero dormir;
Saudade, que fere, que rala-me o peito
Eu entro a sentir.

Saudade da terra, que longe deixei
E onde nasci;
Saudade do povo, da gente que amei,
Mas que já perdi!

Saudade da mata, do meu sabiá,
Dos plumeos cantores;
Dos frutos tão belos, tão bons que ali ha,
Saudades das flores.

Saudade das ruas, e rios e fontes,
Que ha na cidade,
Saudade do Prado, dos vales e montes,
De tudo saudade!

Que noites eu passo aqui no rochedo
A' borda do mar,
Inquieto e aflito, com susto e com medo
E sempre a cuidar!

Si durmo, cansado de tanto lidar,
De tanto sofrer,
Vampiros, espetros, pairando no ar
Em sonhos vou ver.

Ideas, imagens, crueis pensamentos
Se avivam então;
Desperto... meus males, martirios tormentos
Mais graves me são.

Taes são minhas noites, que noites d'horror,
Tal é minha sorte;
São noites eternas de magua e de dor.
São noites da morte!

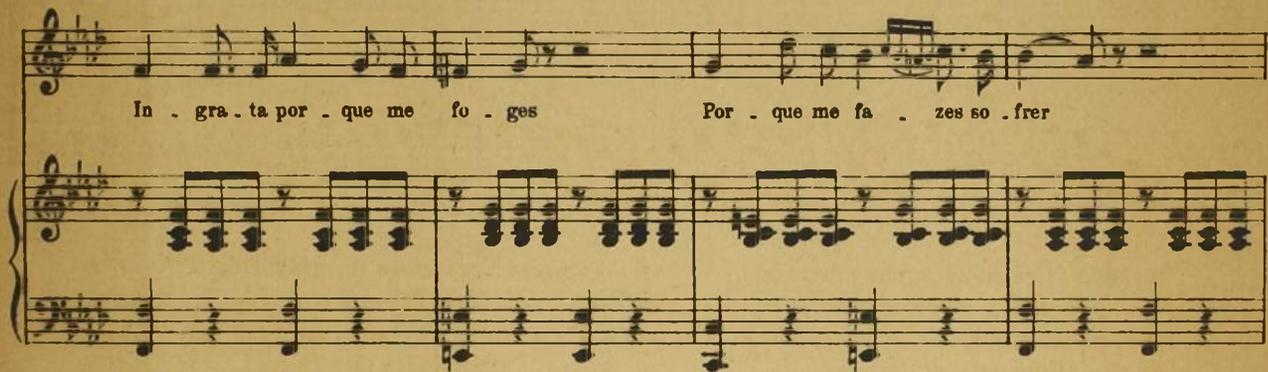
Hei-de amar-te até morrer!

PIANO.

Devagar. 



In . gra . ta por . que me fo . ges Por . que me fa . zes so . frer



In . gra . ta por . que me fo . ges Por . que me fa . zes so . frer



E' i . nu . til me fu . gi . res Hei de a . mar . te hei de amar . te até mor . rer. E' i .



nu - til me fu - gi - res Hei de a - mar, te hei de a. mar, te a. té mor - rer.

E' i - nu, til me fu - gi - res Hei de a. mar, te hei de a. mar, te a. té mor - rer.

D. C. al §

Em paga de meus extremos
 Das-me cicuta a beber
 Em paga de teus desprêsos
 Hei de amar-te até morrer!

Onde quer que vás, ingrata,
 A tua sombra hei-de ser;
 Hei-de morrer por amar-te
 Hei-de amar-te até morrer!

No céu hei-de amar-te, enquanto
 Lá o espirito viver,
 Na terra, onde a vida acaba
 Hei-de amar-te até morrer!

LUNDUM

Andante. Com naturalidade de conversa.

PIANO.

cresc. *dim.*

cresc. *f* *clareando*

p *brincando*

agitado *suave, ligado*

cantabile

p *com entusiasmo* *f*

p *express. falando* *gracejando p*

cresc. *f resoluto*

p simples

suplicando *rétard. - pouca - a - pouco* **FIM.**

A TEMPO

apaixonado *alegremente* *delicado*

doce e quieto

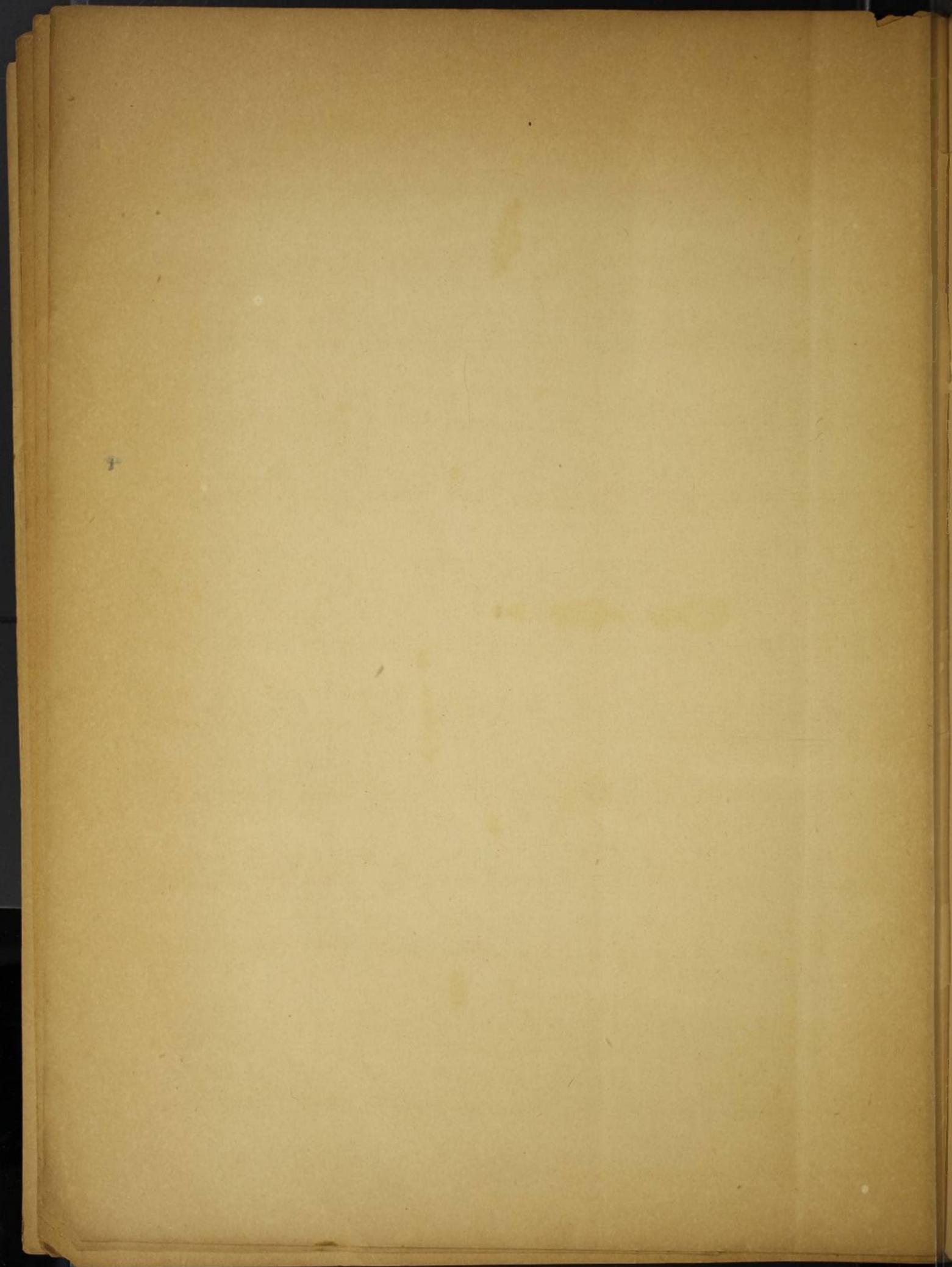
cresc. *marcado* *suavizando*

pp suavissimo

mf inocentemente

express.

D. C.



CASA CHIARATO

L. G. MIRANDA - Editor
Rua Santa Ephigenia N.º 28-A
SÃO PAULO - BRASIL

OBRAS MODERNAS

THEORICAS

MARIO DE ANDRADE - Ensaio sobre Musica Brasileira - Estética e Estudo sobre o Folk-lore Nacional	15\$000
MARIO DE ANDRADE - Compendio de Historia da Musica	15\$000

PIANO A 2 MÃOS

108 AUTUORI-TABARIM - Gavotta, op. 3	2\$500
107 CAMARGO GUARNIERI (M) - Canção Sertaneja	3\$500
101 " " " - Dança Brasileira	3\$500
108 " " " - Sonatina	7\$000
120 " " " - Toada	4\$500
110 DE BENEDICTIS (S) - 3.º Preludio	3\$000
117 DINORAH DE CARVALHO - Caixinha de musica	3\$000
112 " " " - Soldadinhos	3\$000
105 LIMA VIANNA (F) - Capricho, op. 5	3\$500
118 " " " - Jogos pueris	5\$000
115 " " " - Passeio matinal	3\$000
112 " " " - Pequeno oriental	2\$500
116 " " " - Preludio n.º 3	3\$000
126 OCTAVIANO (J) - Olhos azues.	2\$500
127 " " " - Triste volta.	2\$500
104 SCHUMANN-SÁ PEREIRA - O lavrador contente	2\$000

CANTO E PIANO

113 CAMARGO GUARNIERI (M) - As flores amarella do ipes	2\$500
106 " " " - Lembranças do lozango caqui	2\$000
102 " " " - Trovas de amor	3\$500
119 LIMA VIANNA (F) - Somnambula	3\$500
124 " " " - Toada n.º 3	3\$000
121 OCTAVIANO (J) - Canção	2\$500
123 " " " - Olhos azues	2\$500
125 " " " - Triste volta	2\$500

VIOLINO E PIANO

111 AUTUORI (Z) - Gavotta, op. 3	4\$000
119 LIMA VIANNA (F) - Canto Elegiaco	3\$500

CANÇÕES BRASILEIRAS

29 JOAQUIM CESAR - Com saudades de você	2\$000
34 " " " - Saudade de minha terra	2\$000
36 SCORZA (A. N.) - Saudade da igrejainha	2\$000
17 MUSSUMECI (C) - Triste cantar	2\$000
24 " " " - Ultima Canção (A).	2\$000

METHODO PARA VIOLÃO

114 AURORA LEMOS - Methodo pratico para violão sem mestre	3\$000
---------------------------------------------------------------------	--------